

3. TECNOLOGIAS AUDIOVISUAIS: TV E VÍDEO NA ESCOLA



Estamos deslumbrados com o computador e a Internet na escola e vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, como se já estivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação.

A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos - levam para a sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despreocupada e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais abstrato, complexo e na contramão da maioria como a escola se propõe a fazer. Estes dois parágrafos do texto *Desafios da televisão e do vídeo à escola*, do **professor Moran**, são retomados pelos vários autores, de uma perspectiva mais teórica ou conceitual ou mais prática, mostrando caminhos para utilizar melhor a televisão e o vídeo na escola.

O texto *As tecnologias invadem nosso cotidiano*, de **Vani Kenski**, discute a presença das tecnologias em nossas atividades cotidianas mais comuns e como integrar a televisão criticamente na sala de aula.

Na mesma direção vai **Vânia Carneiro** em *Televisão e educação: aproximações*, ressaltando que o professor pode ser mediador entre os alunos e a televisão, tornando-a objeto de estudo, conhecendo a linguagem, a programação, as condições de produção e de recepção e incorporando-a pedagogicamente às atividades escolares.

Lucília Helena Garcez, em *A leitura da imagem*, destaca que há muitos procedimentos que são comuns à análise do texto e da imagem e propõe que a escola elabore, nas diversas áreas de conhecimento, estratégias concretas para que os jovens desenvolvam a competência de analisar, compreender e interpretar de forma crítica a avalanche de imagens à qual estão expostos.

O texto *É possível educar para e com a TV?* de **Sylvia Magaldi**, aborda, de forma resumida, alguns passos essenciais para que os professores desenvolvam uma relação saudável e produtiva entre educação e televisão.

Carmen de Castro Neves foca dois temas complementares. No primeiro, *Próxima atração: a TV que vem aí*, destaca que a televisão digital interativa está chegando e vai afetar a escola e a vida de todos. É mais um desses avanços tecnológicos que surgem, independentemente das vontades individuais. A TV digital interativa é uma integração do sistema clássico da TV com o mundo das telecomunicações, da informática, permitindo o acesso à internet e à informação, facilitando a interatividade. No segundo, *Uma nova dinâmica na gestão educacional*, mostra que a tecnologia traz desafios não só para os professores, mas também aos gestores da educação nas dimensões administrativa, pedagógica e social (de envolvimento da comunidade).

Maristela Tanaka, em *Experimentação: planejando, produzindo, analisando*, discute que a produção de um audiovisual se dá num processo anterior à atividade de produzir. O querer e o saber produzir do professor se iniciam quando este reflete sobre o uso da tecnologia e percebe que esta não se configura como um bem ou um mal, mas se preocupa com a apropriação desigual ou o uso destrutivo e prejudicial que se fizer dela, desenvolvendo as competências nas escolas do sentir, do fazer e do pensar.

Lígia Girao, no texto *Processos de produção de vídeos educativos*, discute o fato de que a realização de uma peça audiovisual com objetivos educativos, seja um vídeo ou uma instalação fotográfica com efeitos sonoros, não é tão complicada como parece. Ao contrário, é saudável e desejável estender a alunos e professores os processos de produção dos vários meios de comunicação, notadamente o vídeo. Divide o processo de produção em cinco etapas: a) criação e planejamento; b) roteiro; c) pré-produção; d) direção e gravação; e) edição e finalização.

3.1. Próxima atração: a TV que vem aí



Prepare-se, caro educador. A televisão digital interativa está chegando e vai afetar sua escola e sua vida. É mais um desses avanços tecnológicos que surgem, independentemente das vontades individuais. A TV digital interativa é uma integração do sistema clássico da TV com o mundo das telecomunicações, da informática, permitindo o acesso à Internet e à informação, facilitando a interatividade.

Na TV digital, além de melhor qualidade de som e imagem, transmitem-se dados na forma de vídeo, áudio, gráfico, imagem e texto. Assim, pela televisão, será possível uma série de vantagens e serviços, como ter acesso a bancos, lojas, supermercados, revistas, sinopses e grades de programas, discursos de seu político favorito e outros. Mais do que isso, o telespectador deixa de ser um observador passivo e passa a ter o controle de como quer assistir à TV, em que horário quer acompanhar determinada novela e ainda interage com os programas transmitidos. As emissoras poderão regionalizar sua programação, enviando, por exemplo, um mesmo programa com trilha sonora diferente para cada região do país. Será mais fácil realizar transações comerciais e, claro, manipular mais e melhor corações e mentes, com a TV digital. Eis o lado inquietante dessa evolução.

No lado bom, há a possibilidade de ampliar-se o alcance social das tecnologias, favorecendo a inclusão digital de camadas mais carentes da nossa sociedade que, hoje, segundo dados do IBGE, contabiliza 90% dos lares com aparelho de televisão, mostrando o elevado grau de aceitação dessa mídia.

Justamente nesse lado bom da evolução da tecnologia está sua aplicação à educação. Neste texto não tratarei de questões de infra-estrutura tecnológica e sim de alguns aspectos relativos a conceitos e conteúdos que estarão na TV digital interativa e afetarão diretamente educadores e alunos de nossas escolas. Ignorar esses novos caminhos será abrir mão de inúmeras e riquíssimas oportunidades educacionais.

Como as discussões ainda são muito novas, é importante que os educadores estejam sintonizados, participando e influenciando. Assim, levanto alguns pontos para que gestores e professores reflitam e sejam artífices desse momento e não meramente receptores.

Em um canal como a TV Escola, totalmente dedicado à educação, a chegada da TV digital interativa trará três grandes mudanças, envolvendo os seguintes processos:

- 1º. distribuição e disponibilização dos programas;
- 2º. produção de programas e de conteúdos pedagógicos;
- 3º. capacitação – forma de apropriação da TV digital interativa por parte de educadores e alunos.

O primeiro processo a ser modificado diz respeito à forma como hoje são distribuídos filmes, vídeos e programas. Os programas ficarão armazenados no set top box, permitindo ao educador ler informações sobre eles e assistir e gravar somente o que for de seu interesse. Além da distribuição pela grade, cada filme, vídeo ou programa digitalizado permanecerá em uma central, permitindo sua utilização em outras ocasiões.

Mas a grande novidade é a disponibilização. Esse novo processo significa uma espécie de videoteca, em que cada programa será armazenado, não só na íntegra, mas também em diversos segmentos (como hoje se vê em um DVD), permitindo ir direto a uma determinada cena, sem necessidade de acelerar ou retroceder o DVD. Imagine uma tangerina. Você pode comê-la inteira. Mas pode querer só alguns gomos. Cada gomo é um objeto. Você pode colocá-lo em uma salada, suco, sobremesa ou guardá-lo para comer mais tarde. A partir do conceito de disponibilização, os vídeos estarão catalogados e armazenados em múltiplos objetos, facilitando usos variados e combinados.

Além dos filmes, haverá imagens, músicas, sons, textos, permitindo aos educadores e aos alunos a montagem de seqüências próprias. Por exemplo, podem ser misturadas imagens de arquivos da TV Escola com imagens captadas pela própria escola, incluindo uma trilha sonora composta por alunos ou por artistas locais. Pense a respeito. Faça projeções sobre como será possível fazer produtos que retratem seus estudantes, sua escola, sua localidade... Quantas idéias – suas e de seus alunos – podem ser postas em prática a partir dessa realidade? As possibilidades pedagógicas da disponibilização somente serão limitadas por nossa criatividade.

Em conseqüência dessas transformações, o segundo processo que se modifica é o de produção de programas e de conteúdos pedagógicos. Os vídeos produzidos pela TV Escola devem sofrer mudanças em todas as

suas fases, incluindo concepção, pesquisa, roteiro, elaboração, sonorização, edição, organização do material "excedente", veiculação e disponibilização.

Os programas, os filmes e os vídeos devem ser desenvolvidos em linguagem multimídia, acompanhados de conteúdos expandidos, ou seja, textos, revistas, imagens, áudios, links, objetos de aprendizagem para uso em CD Rom e Internet, entre outros. O uso desses recursos deverá subsidiar alunos e educadores em produções escritas, vídeo, rádio, CD-ROM, Internet e, em breve, produtos para celulares.

O terceiro processo a ser modificado é a capacitação. Nunca é demais ressaltar que nenhuma inovação acontece se as pessoas forem resistentes a ela. Quando a inovação se impõe sem a capacitação dos sujeitos, temos o que Paulo Freire chamava de consciência mágica, que é o oposto de consciência crítica.

A TV digital valoriza a autoria e favorece o exercício da autonomia. Este é seu grande valor educacional e, portanto, humano. Concretizar esse desafio exige que a escola assuma como sua a tarefa de educar para o uso das mídias.

Do ponto de vista dos gestores educacionais (nos níveis nacional, estadual, municipal e das escolas), quais as principais implicações das mudanças nesses três processos?

Primeiramente, é preciso incorporar a idéia e o conceito de integração de mídias digitais e montar, nas escolas, laboratórios que incluam equipamentos, hardware e softwares capazes de permitir a captação de som e imagens bem como o desenvolvimento de produções personalizadas.

Conseqüentemente, uma segunda implicação é a construção de novos referenciais de financiamento para laboratórios, produções e capacitações, uma vez que esses processos passam a ser multimídia. Pegue-se, por exemplo, o custo atual de um programa de 12 minutos para a TV. Qual o novo custo, uma vez que ele inclua todas as expansões já indicadas anteriormente? Paralelamente, deve-se investir nas antenas e set top box da TV Escola Interativa, modernizando os equipamentos distribuídos, em sua maioria, em 1996 e garantir continuidade ao Proinfo – Programa Nacional de Informática na Educação, ao Rádio Escola e ao Rived.

Finalmente – e diante de tantos desafios humanos e financeiros –, é necessário sensibilizar outros setores do poder público e a iniciativa privada para que considerem educação como um compromisso de Estado e da sociedade em geral. A colaboração desses setores com o MEC e com as secretarias de Educação facilitará a implantação de uma infra-estrutura tecnológica capaz de alcançar e conectar as escolas públicas – uma rede de alta capilaridade, espalhada em todos os 5.561 municípios brasileiros. Se alcançarmos os cerca de 50 milhões de brasileiros que estudam e trabalham nas redes públicas de ensino básico e se as escolas abraçarem também os pais e a comunidade em geral, o Brasil será um país socialmente mais justo e economicamente mais desenvolvido.

Enquanto essas mudanças não acontecem de fato, o que os educadores podem fazer?

Há muito que já pode ser feito. Comece refletindo sobre a importância da TV digital interativa: a passagem de receptor para produtor, de ouvinte para autor. Promova uma reunião e discuta com seus colegas de escola sobre como uma pessoa pode ser manipulada pela mídia se não tiver um espírito crítico. Peça a um professor de história que conte como governos totalitários usam a mídia para promover suas idéias. Você pode replicar essa idéia com seus alunos.

Exercite sua criatividade e a interdisciplinaridade, usando vídeos da TV Escola. Veja alguns exemplos: 1) tire o som de um programa e deixe que os alunos escrevam os diálogos (proveite para ajudá-los no domínio da língua portuguesa, porque eles precisam conhecê-la para ter sucesso nos vestibulares, nos concursos e nos empregos); 2) passe o início de um vídeo e peça que os alunos escrevam o final, comparando as diversas produções dos estudantes com a do filme; 3) se você, sua escola ou seus alunos tiverem câmera de vídeo, incentive-os a produzir um roteiro e a realizar o filme, apresentando-o aos colegas (uma produção dessas pode ser objeto de avaliação, em vez de uma prova); 4) se ninguém tiver câmera, peça aos alunos que dramatizem o roteiro preparado, apresentando-o como uma peça de teatro ou novela, incentivando-os na pesquisa, na elaboração, na iluminação e na sonorização da peça; 5) analise com os alunos vídeos do ponto de vista do conteúdo, iluminação, sonorização, figurino, recursos técnicos, roteiro 6) Veja o Módulo III do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. Se você não fez o curso, pode encontrar o módulo no site <http://www.mec.gov.br/seed/>

tvescola; 7) escolha uma notícia importante e acompanhe a sua apresentação em três telejornais diferentes, observando formas de abordagem e de aprofundamento em cada um deles.

Invente outras idéias e discuta com seus colegas os resultados alcançados. Você estará preparando a si mesmo e a seus colegas para uma apropriação crítica da TV digital interativa.

Fundamentalmente, reflita com seus colegas sobre a intencionalidade e a profundidade do ato educativo. Não usamos tecnologia por mera brincadeira ou para dizer que somos modernos. Usamos tecnologia porque, com recursos lúdicos e contemporâneos, podemos educar crianças e jovens para viver com responsabilidade, criatividade, espírito crítico, autonomia e liberdade em um mundo tecnologicamente desenvolvido.

Referências bibliográficas

NEVES, Carmen Moreira de Castro. Critérios de qualidade para a educação a distância. In *Tecnologia Educacional*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 141, abr./jun., 1998.

_____. Uma nova dinâmica na gestão educacional. *Boletim do Salto para o Futuro*. TV na Escola e os Desafios de Hoje, junho 2002.

Notas

¹Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental, mestre em Educação, Diretora do Departamento de Produção e Capacitação em Educação a Distância, da Secretaria de Educação a Distância/MEC.

3.2. As tecnologias invadem nosso cotidiano



As nossas atividades cotidianas mais comuns – como dormir, comer, trabalhar, nos deslocarmos para diferentes lugares, ler, conversar e se divertir – são possíveis graças às tecnologias a que temos acesso. Elas estão tão presentes em nossas vidas que já nos acostumamos e nem percebemos que não são coisas naturais. Tecnologias que resultaram, por exemplo, em talheres, pratos, panelas, fogões, fornos, geladeiras, alimentos industrializados e muitos outros produtos, equipamentos e processos que foram planejados e construídos para podermos realizar a simples e fundamental tarefa que garante a nossa sobrevivência: a alimentação.

Da mesma forma, para todas as demais atividades que realizamos em nossas vidas, precisamos de produtos e equipamentos resultantes de estudos, planejamentos e construções específicos para serem utilizados, na busca de melhores formas de viver. Ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade chamamos de "tecnologia". Para construir qualquer equipamento – seja uma caneta esferográfica ou um computador – os homens precisam pesquisar, planejar e criar tecnologias.

Nas atividades cotidianas lidamos com vários tipos de tecnologias. As maneiras, os jeitos ou as habilidades especiais de lidar com cada tipo de tecnologia, para executar ou fazer algo, chamamos de técnicas. Algumas dessas técnicas são muito simples e de fácil aprendizado. São transmitidas de geração em geração e integram os costumes e os hábitos sociais de um determinado grupo de pessoas. Outras tecnologias exigem técnicas mais elaboradas, habilidades e conhecimentos específicos e complexos.

Existem muitos outros equipamentos e produtos que utilizamos em nosso cotidiano e que não notamos como tecnologias. Alguns invadem o nosso corpo, como próteses, alimentos e medicamentos. Óculos, dentaduras, comidas e bebidas industrializadas, vitaminas e outros tipos de remédios são produtos resultantes de tecnologias sofisticadas.

Como podemos deduzir, dificilmente nossa vida cotidiana seria possível, neste estágio de civilização, sem as tecnologias. Elas invadiram definitivamente nosso cotidiano e já não sabemos viver sem fazer uso delas. Por outro lado, acostumamos-nos tanto com os produtos e os equipamentos tecnológicos que os achamos quase naturais. Nem pensamos o quanto foi preciso de estudo, criação e construção para que essas tecnologias chegassem às nossas mãos.

As tecnologias não são apenas feitas de produtos e equipamentos

Existem outros tipos de tecnologias que vão além dos equipamentos. Em muitos casos, alguns espaços ou produtos são utilizados como suportes para que as ações ocorram. Um exemplo: as chamadas "tecnologias da inteligência" (Lévy, 1993), construções internalizadas nos espaços da memória das pessoas que foram criadas pelos homens para avançar no conhecimento e aprender mais. A linguagem oral, a escrita e a linguagem digital (dos computadores) são exemplos paradigmáticos desse tipo de tecnologia.

Articuladas às tecnologias da inteligência, temos as "tecnologias de comunicação e informação", que, por meio de seus suportes (mídias ou meios de comunicação, como o jornal, o rádio, a televisão) realizam o acesso, a veiculação das informações e todas as demais formas de articulação comunicativa em todo o mundo. As tecnologias de comunicação e informação invadem o nosso cotidiano.

Estamos vivendo um novo momento tecnológico. A ampliação das possibilidades de comunicação e de informação, por meio de equipamentos como o telefone, a televisão e o computador, altera nossa forma de viver e de aprender na atualidade.

Antigamente, as pessoas saíam às ruas ou ficavam nas janelas de suas casas para se informar sobre o que estava acontecendo nas proximidades, na região e no mundo. A conversa com os vizinhos e os viajantes garantia a troca e a renovação das informações. Na atualidade, a "janela é a tela", diz Virilio. por meio da tela da televisão, é possível saber de tudo o que está acontecendo em todos os cantos – desde as mais longínquas partes do mundo até as nossas redondezas. Da nossa sala, pela televisão, podemos saber a previsão do tempo e o movimento do trânsito, informarmo-nos sobre as últimas notícias, músicas, filmes e livros que fazem sucesso e muito mais.

O conteúdo oferecido pelos programas televisivos passou a orientar nossas vidas. Pessoas de todas as idades, condições econômicas e níveis intelectuais começaram a viver "ligadas na televisão". Algumas pessoas chegaram "no limite": trocaram de lado. Assumiram em suas vidas valores, hábitos e comportamentos copiados dos personagens da televisão. Viraram também "personagens". Não conseguem mais viver distantes da televisão e assimilam acriticamente tudo o que é ali veiculado.

A televisão, por sua vez, aproxima-se cada vez mais da realidade cotidiana. O sucesso de novos programas ("reality shows") como "Casa dos Artistas" e "Big Brother Brasil" mostra o quanto a vivência cotidiana das pessoas alimenta o "show" oferecido pela mídia. A ficção confunde-se com a realidade produzida no espaço artificial dos cenários televisivos. Artistas e pessoas comuns vivem um cotidiano totalmente documentado e exibido que desperta a curiosidade geral do grande público. A exibição da "performance" das pessoas em cenas de intimidade cotidiana explícita (dormir, comer, tomar banho, namorar) diante da tela confunde os pensamentos, os sentimentos, os julgamentos e as ações dos telespectadores.

A mídia televisiva, como tecnologia de comunicação e informação, invade o cotidiano e passa a fazer parte dele. Não é mais vista como tecnologia, mas como complemento, como companhia, como continuação do espaço de vida das pessoas. Por meio do que é transmitido pela televisão, as pessoas adquirem informações e transformam seus comportamentos. Tornam-se "teledependentes", consumidores ativos, permanentes e acrícos de tudo o que é oferecido pelo universo televisivo.

Este é um dos maiores desafios para a ação da escola diante do que é veiculado pela televisão na atualidade: viabilizar-se como espaço crítico em relação às informações e às manifestações veiculadas pela TV. Aos professores é designada a importante tarefa de refletir com seus alunos sobre o que é apresentado pela televisão, suas posições e problemas, reconhecer sua interferência no modo de ser e de agir das pessoas e na própria maneira de se comportar diante do seu grupo social, como cidadãos.

Apropriando-se das palavras de Umberto Eco (1997), "nós precisamos de uma forma nova de competência crítica, uma arte ainda desconhecida de seleção e decodificação da informação, em resumo, uma sabedoria nova". É preciso saber aproveitar a liberdade e a criatividade do espaço televisivo, mas, ao mesmo tempo, aprender a definir os limites, a consciência crítica, reabilitar os valores e fortalecer a identidade das pessoas e dos grupos – desafios de hoje a serem enfrentados por todos nós, professores.

Referências bibliográficas

ECO, Umberto. From Internet to Gutenberg. 1997 (documento eletrônico: <<http://www.italynet.com/columbia/internet.htm>>).

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

Notas

¹ Professora, com mestrado (UnB) e doutorado em Educação (Unicamp). Representante do Grupo de Trabalho Educação e Comunicação no Comitê Científico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (Anped). Pesquisadora do CNPq. Atualmente é pesquisadora-docente da USP e da Umesp Coordenadora do grupo de estudos e pesquisas Memória, Ensino e Novas Tecnologias (Ment). Orienta pesquisas de mestrado e doutorado e é autora de artigos e livros sobre esses temas.



3.3. Desafios da televisão e do vídeo à escola



Estamos deslumbrados com o computador e a Internet na escola e vamos deixando de lado a televisão e o vídeo, como se já estivessem ultrapassados, não fossem mais tão importantes ou como se já dominássemos suas linguagens e sua utilização na educação.

A televisão, o cinema e o vídeo – os meios de comunicação audiovisuais – desempenham, indiretamente, um papel educacional relevante. Passam-nos continuamente informações, interpretadas; mostram-nos modelos de comportamento, ensinam-nos linguagens coloquiais e multimídia e privilegiam alguns valores em detrimento de outros.

A informação e a forma de ver o mundo predominantes no Brasil provêm fundamentalmente da televisão. Ela alimenta e atualiza o universo sensorial, afetivo e ético que crianças e jovens – e grande parte dos adultos – levam a para sala de aula. Como a TV o faz de forma mais despreziosa e sedutora, é muito mais difícil para o educador contrapor uma visão mais crítica, um universo mais abstrato, complexo e na contramão da maioria, como a escola se propõe a fazer. Ela fala da vida, do presente, dos problemas afetivos – a fala da escola é muito distante e intelectualizada – e fala de forma impactante e sedutora – a escola, em geral, é mais cansativa. O que tentamos contrapor na sala de aula, de forma desorganizada e monótona, aos modelos consumistas vigentes, a televisão, o cinema, as revistas de variedades e muitas páginas da Internet o desfazem nas horas seguintes. Nós mesmos como educadores e telespectadores sentimos na pele a esquizofrenia das visões contraditórias de mundo e das narrativas (formas de contar) tão diferentes dos meios de comunicação e da escola.

Na procura desesperada pela audiência imediata, fiel e universal, os meios de comunicação hiperexploram nossas emoções, fantasias, desejos, medos e aperfeiçoam continuamente estratégias e fórmulas de sedução e dependência. Passam com incrível facilidade do real para o imaginário, aproximando-os em fórmulas integradoras, como nas telenovelas e nos *reality shows* como o *Big-Brother* e semelhantes.

Diante desse panorama, nós, educadores, costumamos contrapor a diferença de funções e da missão da televisão e da escola. A TV somente entretém, enquanto a escola educa. Justamente porque a televisão não diz que educa o faz de forma mais competente. Ela domina os códigos de comunicação e os conteúdos significativos para cada grupo: pesquisa-os, aperfeiçoa-os, atualiza-os. Nós, educadores, fazemos pequenas adaptações, damos um verniz de modernidade nas nossas aulas, mas fundamentalmente continuamos prendendo os alunos pela força e os mantemos confinados em espaços barulhentos, sufocantes, apertados e fazendo atividades pouco atraentes. Quem educa quem a longo prazo?

Como a televisão se comunica

Os meios de comunicação, principalmente a televisão, desenvolvem formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional e racional, superpondo linguagens e mensagens que facilitam a interação, com o público. A TV fala primeiro do "sentimento" – o que você sentiu", não o que você conheceu; as idéias estão embutidas na roupagem sensorial, intuitiva e afetiva.

A televisão e o vídeo partem do concreto, do visível, do imediato, próximo, que toca todos os sentidos. Mexem com o corpo, com a pele, as sensações e os sentimentos – tocam-nos e "tocamos" os outros, estão ao nosso alcance por meio dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente.

Isso nos dá pistas para começar na sala de aula pelo sensorial, pelo afetivo, pelo que toca o aluno antes de falar de idéias, de conceitos, de teorias. Partir do concreto para o abstrato, do imediato para o mediato, da ação para a reflexão, da produção para a teorização.

A eficácia de comunicação dos meios eletrônicos, em particular da televisão, deve-se também à capacidade de articulação, de superposição e de combinação de linguagens diferentes – imagens, falas, música, escrita – com uma narrativa fluida, uma lógica pouco delimitada, gêneros, conteúdos e limites éticos pouco precisos, o que lhe permite alto grau de entropia, de flexibilidade, de adaptação à concorrência, a novas situações. Num olhar distante tudo parece igual, tudo se repete, tudo se copia; ao olhar mais de perto, por trás da fórmula conhecida, há mil nuances, detalhes que introduzem variantes adaptadoras e diferenciadoras.

A força da linguagem audiovisual está em que consegue dizer muito mais do que captamos, chegar simulta-

neamente por mais caminhos do que conscientemente percebemos, encontrando dentro de nós uma repercussão em imagens básicas, centrais, simbólicas, arquetípicas, com as quais nos identificamos ou que se relacionam conosco de alguma forma.²

Televisão e vídeo combinam a dimensão espacial com a sinestésica, ritmos rápidos e lentos, narrativas de impacto e de relaxamento. Combinam a comunicação sensorial com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. A integração começa pelo sensorial, o emocional e o intuitivo, para atingir posteriormente o racional. Exploram o voyeurismo e mostram até a exaustão planos, ângulos, replay de determinadas cenas, situações, pessoas, grupos, enquanto ignoram a maior parte do que acontece no cotidiano. Mostram a exceção, o inusitado, o chocante, o horripilante, mas também o terno – um bebê desamparado, por exemplo. Destacam os que detêm atualmente algum poder – político, econômico ou de identificação/projeção: artistas, modelos, ídolos esportivos. Quando o perdem, desaparecem da tela.³

A organização da narrativa televisiva, das situações, das idéias e dos valores é muito mais flexível e contraditória do que a da escola. As associações são feitas por semelhança, por contraste, muitas vezes estéticas. As temáticas evoluem de acordo com o momento, a audiência, o impacto.

Os temas são pouco aprofundados, explorando os ângulos emocionais, contraditórios, inesperados. Passam a informação em pequenas doses (de forma compactada), organizadas em forma de mosaico (rápidas sínteses de cada assunto) e com apresentação variada (cada tema dura pouco e é ilustrado).

A televisão estabelece uma conexão aparentemente lógica entre mostrar e demonstrar. Mostrar é igual a demonstrar, a provar, a comprovar. Uma situação isolada converte-se em situação paradigmática, padrão, universal. Ao mesmo tempo, o não-mostrar equivale a não existir, a não acontecer. O que não se vê, perde existência.⁴

Estratégias de utilização da TV e do vídeo

Há uma crescente dificuldade de comunicação entre o professor adulto e as crianças e os jovens. A forma de organizar a informação e de transmiti-la do professor é mais seqüencial, abstrata, erudita. Crianças e jovens, que navegam intensamente pela Internet, vêem muita TV e participam de contínuos jogos eletrônicos, pensam de uma forma mais sensorial, concreta, plástica, multimídica, "linkada", coloquial. Eles se expressam com muita intensidade emocional e pouca riqueza verbal erudita. Há um abismo que nos separa nas preferências, nos interesses, nas formas de pensar, de pesquisar, de interagir. As crianças são mais rápidas, impacientes, "multitarefa", "multitelas", sempre prontas para fazer, produzir algo diferente e com dificuldade de sistematizar, de formular novas sínteses.

Nós, adultos, precisamos fazer um esforço enorme para agilizar nossa forma de pensar, de integrar imagens, sons e textos, de organizar ao menos hipertextualmente nossa pesquisa e comunicação. Temos de aproximar ao máximo nossa linguagem da dos alunos, nossa abordagem da deles, nossas vivências das deles. Mas sempre haverá uma diferença enorme de percepção e formas de expressão.

Um caminho mais imediato de comunicação é focar mais a relação afetiva, gostar dos alunos como eles são, chamá-los para participar, aproveitar todo o potencial para motivá-los, valorizá-los, incentivá-los, surpreendê-los. Pela interação afetiva creio que conseguiremos encontrar um atalho de aproximação que superará o abismo que separa nosso universo perceptivo, racional e lingüístico.

Diante dessas linguagens tão sofisticadas, a escola pode partir delas, conhecê-las, ter materiais audiovisuais mais próximos da sensibilidade dos alunos. Gravar materiais da TV Escola, alguns dos canais comerciais, dos canais da TV a cabo ou por satélite e planejar estratégias de inserir esses materiais e atividades que sejam dinâmicas, interessantes, mobilizadoras e significativas.⁵

A televisão e a Internet não são somente tecnologias de apoio às aulas, são mídias, meios de comunicação. Podemos analisá-las, dominar suas linguagens e produzir, divulgar o que fazemos. Podemos incentivar que os alunos filmem, apresentem suas pesquisas em vídeo, em CD ou em páginas WEB – páginas na Internet. E depois analisar as produções dos alunos e a partir delas ampliar a reflexão teórica.

A escola precisa observar o que está acontecendo nos meios de comunicação e mostrar isso na sala de aula, discutindo tudo com os alunos, ajudando-os a que percebam os aspectos positivos e negativos das abordagens sobre cada assunto. Fazer (re)-leituras de alguns programas em cada área do conhecimento, partindo da visão que os alunos têm e ajudá-los a avançar de forma suave, sem imposições nem maniqueísmos (bem x mal).⁶

Conclusão

A televisão, o cinema, a Internet e demais tecnologias ajudam-nos a realizar o que já fazemos ou o que desejamos. Se somos pessoas abertas, ajudam-nos a nos comunicar de forma mais confiante e carinhosa; se somos fechadas, contribuem para aumentar as formas de controle. Se temos propostas inovadoras, facilitam a mudança.

Educar com novas tecnologias é um desafio que até agora não foi enfrentado com profundidade. Temos feito apenas adaptações, pequenas mudanças. Agora, na escola, no trabalho e em casa, podemos aprender continuamente, de forma flexível, reunidos numa sala ou distantes geograficamente, mas conectados por meio de redes de televisão e da Internet. O presencial torna-se mais virtual, e a educação a distância torna-se mais presencial. Os encontros em um mesmo espaço físico combinam-se com os encontros virtuais, a distância, por meio da Internet e da televisão.

Estamos aprendendo, fazendo. Os modelos de educação tradicional não nos servem mais. Por isso é importante experimentar algo novo em cada semestre. Fazer as experiências possíveis nas nossas condições concretas. Perguntar-nos no começo de cada semestre: "O que estou fazendo de diferente neste curso? O que vou propor e avaliar de forma inovadora?" Assim, pouco a pouco iremos avançando e mudando.

Podemos começar por formas de utilização das novas tecnologias mais simples e ir assumindo atividades mais complexas. Experimentar, avaliar e experimentar novamente é a chave para a inovação e a mudança desejadas e necessárias.

Caminhamos para uma flexibilização forte de cursos, tempos, espaços, gerenciamento, interação, metodologias, tecnologias, avaliação. Isso nos obriga a experimentar pessoal e institucionalmente a integração de tecnologias audiovisuais, telemáticas (Internet) e impressas.

Vivemos uma época de grandes desafios no ensino focado na aprendizagem. Vale a pena pesquisar novos caminhos de integração do humano e do tecnológico; do sensorial, do emocional, do racional e do ético; do presencial e do virtual; de integração da escola, do trabalho e da vida.

Glossário

Paradigma: forma padronizada ou modelo orientador da pesquisa e da organização de seus resultados em um campo delimitado de conhecimento.

Arquétipo: referente a modelo ancestral de seres criados, padrão, exemplar, protótipo.

Maniqueísta: tendência de interpretar a realidade a partir de uma valoração dicotômica, ou seja, que admite apenas dois princípios criadores: um para o bem e outro para o mal, mutuamente excludentes.

Referências bibliográficas

BABIN, Pierre; KOPULOUMDJIAN, Marie-France. *Os novos modos de compreender; a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FERRÉS, Joan. *Vídeo e educação*. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas (atualmente Artmed), 1996.

_____. *Televisão e educação*. São Paulo: Artes Médicas (Artmed), 1996.

MACHADO, Arlindo. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MORAN, José Manuel. *Mudanças na comunicação pessoal*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2000.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos e BEHRENS, Marilda. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 4. ed. Campinas: Papirus, 2001.

PENTEADO, Heloisa Dupas. *Televisão e escola: conflito ou cooperação?*. São Paulo: Cortez, 1991.

PORTO, Tânia Maria Esperon. *A televisão na escola.... Afinal, que pedagogia é esta?*. Araraquara: JM Editora, 2000.

Publicações da Secretaria de Educação a Distância do MEC sobre Televisão, entre elas "*Dois anos da TV Escola*", *TV na escola e os desafios de hoje*, *Educação do olhar*, *Revista TV Escola*.

Notas

¹ Doutor em Comunicação (USP), professor da disciplina Novas Tecnologias, na Escola de Comunicações e Artes da USP. Professor de Novas Tecnologias da PUC-SP e coordenador de Tecnologia da Faculdade Sumaré – SP. Autor de vários livros. E-mail: jmmoran@usp.br e página web: <http://www.eca.usp.br/prof/moran>.

² Dois livros importantes para entender as linguagens e as formas de utilização do vídeo são de Joan Ferrés: *Vídeo e educação e Televisão e educação*.

³ Maiores informações em Arlindo Machado. *A arte do vídeo*.

⁴ Para entender as mudanças da cultura audiovisual, recomendo o livro *Os novos modos de compreender*, de Pierre Babin e Marie Kouloumdjian.

⁵ No meu artigo O vídeo na sala de aula, apresento algumas situações e formas de utilizar o vídeo. Pode ser acessado em <http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm>

⁶ A utilização inovadora da televisão, da Internet e de outras tecnologias na educação pode ser aprofundada no livro *Novas tecnologias e mediação pedagógica*, de José Manuel Moran.



3.4. Televisão e educação: aproximações



Há uma cultura audiovisual eletrônica proporcionando aos jovens informações, valores, saberes, outros modos de ler e perceber. Para Martin-Barbero (1999), os complexos processos de comunicação da sociedade difundem linguagens e conhecimentos que descentram a relação escola – livro, âmago do sistema escolar vigente.

Contemporaneamente, a TV é o meio de comunicação predominante, instrumental de socialização, entretenimento, informação, publicidade, composto em função dos interesses de mercado. Por ela, gerações aprendem a consumir e a conhecer a si e ao mundo. Reuniões públicas, antes nas ruas, têm como cenário e como mediadora a TV: campanhas políticas e pronunciamentos oficiais substituem interações coletivas. O diálogo ficção – realidade perpassa fronteiras e mostra a telenovela – o programa mais visto por crianças e adultos – superar o entretenimento meramente alienatório e discutir temas sérios, oportunos, que antes eram ignorados ou não admitidos por causa dos preconceitos.

Como preparar o jovem para analisar a televisão, ler um mundo recortado por ela, compreender-lhe os recortes (essa edição da realidade)? Como analisar sua presença cotidiana em nossa cultura? Como usá-la criticamente a serviço da educação? Como integrar TV/vídeo à escola? Educa-se pela televisão? Que postura têm os consumidores? Quais os papéis de produtores e proprietários de TV na educação? É viável produzir programas interessantes com a intenção de educar?

Espera-se que a escola (en)foque o mundo audiovisual, faça da TV objeto de estudo, conheça-lhe linguagem, programação, condições de produção e de recepção e a incorpore pedagogicamente. Estudos garantem que se deve abordar a relação educação – televisão a partir de três perspectivas complementares: educação para uso seletivo da TV; educação com a TV; educação pela TV. O consumo seletivo e crítico da TV objetiva desenvolver a competência dos alunos para analisar, ler com criticidade e criativamente os programas. Na educação com a televisão, utilizam-se programas como estratégia pedagógica para motivar aprendizados, despertar interesses, problematizar conteúdos. E educar pela televisão significa comprometer emissoras a ofertar mais e melhores programas ao público infanto-juvenil.

O papel educativo na recepção

Nos estudos sobre televisão, durante anos sobressaiu o modelo mecânico, que considerava a iniciativa da comunicação toda do emissor, ficando o receptor restrito a reagir aos estímulos enviados. Martin-Barbero (1995) afirma que a concepção condutista fundia-se à iluminista: "O processo de educação, desde o século XIX, era concebido como um processo de transmissão do conhecimento para quem não conhece. O receptor era 'tábula rasa', recipiente vazio para se depositar conhecimentos originados ou produzidos em outro lugar".

Não mais se negam os efeitos da TV, e já se sabe que pais, professores e colegas influem na recepção de mensagens. Nesse processo ocorrem mediações cognitivas, culturais, situacionais, estruturais e as ligadas ao meio televisivo, à intencionalidade do emissor. O receptor é sujeito ativo e pertence a contexto sociocultural específico. Interpreta mensagens seguindo sua visão de mundo, experiências, valores, a cultura de seu grupo. Recepção não é só o momento do assistir ao programa; prolonga-se nos cotidianos e em comunicações habituais, constitui-se espaço de produção de sentidos, conhecimentos.

A relação juvenil com a TV e as outras mídias tornou mais complexa a socialização. As crianças acessam ilimitadamente informações adultas, mães e pais trabalham fora e está decretada a realidade do difícil controle sobre o saber do filho. Adultos não mais detêm singularmente a informação – propiciadora de status – sobre as crianças, que desafiam a autoridade adulta.

Currículos escolares tentam ignorar que fora da sala de aula as crianças muito aprendem sobre o mundo, que a informação que a mídia lhes lega é acessível. A escola é solicitada a estimular competências não para simplesmente ler, interpretar, mas para compreender meios e mensagens audiovisuais que os jovens consomem e com os quais se envolvem afetivamente. Deve encorajar pais a conhecerem a mídia, ativar-lhes o pensamento crítico, analisar o que a TV veicula. Num telejornal, por exemplo, separar do fato as representações, as impressões do jornalista.

Dessa perspectiva, a escola prescinde de ser instituição de repasse de informação para tornar-se lugar formador de pensamento, compreensão, interpretação. Preparar jovens para consumir com seletividade e criatividade a TV é com eles desenvolver competências para a análise e a crítica a partir de linguagens, produção e recepção.

Programação educativa na TV?

"Quer que seus filhos assistam a algo educativo na televisão? Então coloque o despertador para tocar por volta das 5h de sábado e domingo. É nesse horário que é exibido o que consta da programação das emissoras de TV aberta como 'programa educativo'. Mas a não ser que seus filhos sejam professores do Ensino Médio ou se interessem por discussões pedagógicas, você terá uma decepção. (...) Mesmo assim, tecnicamente, nenhum dos canais está descumprindo a Constituição, que no artigo 221 determina que emissoras de TV dêem 'preferência a finalidades educativas'. (...) De fato, não há lei que determine o que é um programa educativo nem que regulamente a inclusão dessas atrações na programação das emissoras" (Croitor, 2001).

Por programa educativo entende-se aquele produzido com a intencionalidade de educar, desenvolver aprendizagens, ter finalidade educacional. Desde o Decreto nº 236/67, a finalidade educativa cobrada às emissoras de TV é a "transmissão de aulas, conferências, palestras e debates". A obrigatoriedade de emissoras comerciais transmitirem programas educativos foi instituída na Portaria nº 408/70. Nesse ano, especificou-se: 5 horas por semana, sendo 30 minutos diários de segunda-feira a sexta-feira e 75 minutos nos sábados e domingos, entre 7h e 17 horas. Para efetivar o cumprimento legal e orientar a televisão educativa, estudo oficial sobre TV educativa concluiu que a prioridade seria de programas didáticos destinados a adolescentes e adultos.

Em 1980, a Portaria nº 561 flexibilizou a exibição de programas educativos em todas as emissoras. Horários de transmissão ficam a critério da emissora, embora permaneça a distribuição semanal. No artigo 221 da Constituição Brasileira (1988), o atendimento "preferencial às finalidades educativas, culturais e informativas" é o primeiro princípio a nortear a produção e a programação das emissoras.

A exibição obrigatória de uma quota de programas educativos em TVs comerciais diminuiu drasticamente em 1991. No acordo emissoras – Abert – MEC, reduziu-se a obrigatoriedade de programação educativa de 5 horas semanais para 2 programas de 20 minutos, nos sábados e domingos. Em 2001, projeto de lei de radiodifusão do Ministério das Comunicações foi à consulta pública. No artigo 88, da versão ainda em tramitação no Congresso, emissoras devem "transmitir percentual mínimo de programas educativos e informativos dirigidos a crianças – entre 7h e 22 horas – e dispor de pedagogos e psicólogos para avaliar seus programas educativos".

Mas o que é "educativo"? A concepção predominante restringe-se à extensão da sala de aula. Polemiza-se entre "o que é educação" e "o que é televisão". Televisão como entretenimento propõe evasão, diversão, emoção. Classicamente, associa-se o educativo a livro didático, sala de aula, objetivos curriculares, concentração, racionalidade. A que interesses serve manter tão limitada concepção de educativo? Deve-se cobrar de proprietários e produtores de televisão a inclusão da finalidade educativa?

Programas pedagógico-didáticos para ensinar são rejeitados pela expectativa da TV diversão, da TV entretenimento. Correlaciona-se a intenção de educar à subordinação a uma modalidade expressiva (cinematográfica, televisiva, artística), à conseqüente perda da especificidade dessa modalidade, categorizando o educativo como gênero inferior, incompatível com as linguagens do cinema e da TV:

" Produzir tevê diferente para uso diferenciado, pedagógico, parece-nos uma proposta equivocada, embora tecnologicamente possível. Preferimos partir da tevê comercial e da escola que temos, pois acreditamos que se educar pressupõe íntima relação do ser humano com sua realidade. Só dessa relação matricial podem surgir as condições de afloramento da consciência crítica. Assegurar a coerência entre a realidade contextual e a educação exclui o artificialismo de situações pedagógicas especialmente produzidas" (Rezende, 1989).

Reduz-se a conceituação do pedagógico ao que programas educativos de TV adotam como pedagógico. Critica-se o educativo em TV/vídeo pela sua redução a veículo de discurso professoral e à não-exploração do expressivo. Sobressai a concepção mecânica de relação comunicativa professor – aluno.

As raízes para "a resistência à não-utilização do potencial visual e narrativo da televisão nos programas instrucionais de TV", segundo Cassirer (1961), estiveram na resistência da educação às emoções. Dentro do processo educacional dito racional, emoções desequilibram e perturbam, ainda que nelas se reconheça estímulo essencial à educação. Cabe abrir a educação às dimensões do imaginário, do cultural, do afetivo, e entender ensino-aprendizagem como diálogo, interação, construção de conhecimentos.

Ampliação da concepção de educativo e mediações pedagógicas

Ao se entender educar como (in)formação numa perspectiva mais ampla que inclui dimensões do imaginário, do social, do emocional além da cognitiva, nota-se que existem programas de entretenimento produzidos com intenção de entreter, vender e educar. Isso se deve à existência de jornalistas, autores, editores, atores, produtores e apresentadores de TV que se comprometem com a educação, compreendida como divulgar, esclarecer, inserir e discutir idéias e temas relevantes.

Em casos diversos, o sucesso da interpenetração ficção – realidade na telenovela brasileira cria entretenimentos educativos. Não se trata de adicionar falas e críticas sobre problemas desligados da trama, que podem levar a um vazio. Exige-se trabalho criativo, tenso, sob riscos. O autor entra em conflito com normas ou compromissos ficcionais ou socioeducativos, arriscando até mesmo uma obra dramática exitosa.

O caráter educativo de um programa de televisão pode ser determinado a partir do que com ele se apreende na recepção. Vilches (1993) cita pesquisa que revela que o acesso da criança à idéia do que vai receber é pré-condição para se desenvolverem atividades mentais diante disso. Programas não precisam ser especificamente educativos para a criança participar, trabalhar. Importa-lhes a ação conjunta com os pais e os educadores.

Eis o valor da mediação. Na escola, em programas televisivos não originariamente produzidos para ensinar, introduzir-lhes intenções pedagógicas depende do professor. Regra geral, o educador determina as funções dos programas de TV/vídeo nas atividades escolares. Pode-se usá-los para ilustrar, motivar, informar suscitar debates. Delineia-se aqui uma outra estratégia complementar: tomá-los como objeto de estudo. Dessa perspectiva, TV, filmes, vídeos são objetos de estudo das condições de produção e de recepção de gêneros e linguagens televisuais.

Referências bibliográficas

- CROITOR, C. Professora eletrônica: televisão educa quem cedo madruga. *Folha de S. Paulo*, 22 de Julho de 2001, Caderno TVfolha.
- CASSIRER, H. R. *Televisión y enseñanza*. Buenos Aires: Solar, 1961.
- CARNEIRO, V. L. Q. *Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento*. São Paulo: Annablume, 1997.
- _____. Programas educativos na TV. *Comunicação & Educação*. São Paulo, n. 15, maio/ago. 1999, p. 29-34.
- _____. *TV/Vídeo na comunicação educativa: concepções e funções*. TV na Escola e os Desafios de Hoje. Brasília: UniRede e Seed/MEC/Editora Universidade de Brasília, 2000.
- JACQUINOT, G.; LEBLANC, G. (Coord.). *Les genres télévisuels dans l'enseignement*. Paris: Hachette, 1996.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In SOUZA, Mauro W. (Org.). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LAZAR, J. Mídia e aprendizagem. *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação a Distância, 1999.
- MARTIN-BARBERO, J.; REY, G. *Los ejercicios del ver: hegemonia audiovisual y ficción televisiva*. Barcelona: Gedisa, 1999.
- VILCHES, Lorenzo. *La televisión: los efectos del bien y del mal*. Barcelona: Paidós, 1993.

Notas

¹ Professora e pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Doutora em Educação (USP). Mestre em Tecnologia Educacional (UFRN). Licenciada em Matemática (UFMG). Produtora e roteirista de programas educativos. Coordenadora da área de Tecnologias na Educação do Mestrado em Educação da Faculdade de Educação da UnB. Linha de pesquisa: TV/vídeo e mediações pedagógicas. Coordenadora da produção de vídeos do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.

3.5. A leitura da imagem



O mundo contemporâneo faz com que todos nós estejamos imersos em imagens. A competição comercial, própria do capitalismo, associada às facilidades da imprensa, da fotografia, do cinema, da televisão e dos computadores, faz com que sejamos mergulhados em um universo em que o aspecto visual é preponderante.

Diante dessa evidência, a escola não pode continuar restrita ao texto verbal escrito, embora ele seja imprescindível. É urgente que a imagem pertença ao contexto escolar, não apenas para que esse ambiente seja mais coerente com o cotidiano do aluno, mas também para educá-lo para a leitura crítica das imagens.

Assim como a leitura do texto verbal exige um longo e complexo processo de aquisição e desenvolvimento, para que o leitor possa utilizar as diversas habilidades para a compreensão e a interpretação, o contato com o mundo visual também exige novas competências. Caso o educador adote o pressuposto de que a imagem em si é suficiente para seu adequado entendimento, pode favorecer uma atitude passiva diante das mensagens transmitidas, cada vez de forma mais intensa, por meio audiovisual.

Embora a sedução da imagem nos convide a uma certa inércia, ao compararmos a atitude e os procedimentos de um leitor diante de um texto informativo escrito e os de um leitor/espectador maduro diante de uma mensagem visual, como um documentário, por exemplo, observamos que há muitos procedimentos que são comuns às duas atividades, mas há aspectos diferentes.

Durante a leitura do texto escrito, o leitor aciona outras funções cognitivas para criar imagens mentais, de acordo com seu repertório de experiências visuais anteriores. Esse "envisionamento" mental é diferenciado de indivíduo para indivíduo, mas contém algo em comum que faz parte da cultura e do imaginário coletivo. Cada pessoa cria, a partir de sua própria imaginação, os cenários, as paisagens, as cenas, os objetos e as fisionomias que um romance registra em palavras. Naturalmente, nesse processo de criação há matrizes comuns, que pertencem à história e à coletividade, mas ninguém imagina de forma semelhante a outra pessoa. Essa construção mental é importantíssima para o desenvolvimento das funções superiores da mente.

Aparentemente, o texto visual (a propaganda, o desenho animado, os quadrinhos, o filme, a fotografia, a telenovela, etc.) já oferece esse aspecto de uma forma mais completa. Entretanto, sob essa camada de significados imediatamente perceptíveis, há muitas outras ligadas ao mundo das idéias, dos comportamentos, das crenças, dos conceitos, das ideologias, que é necessário "ler": compreender, interpretar, criticar, responder, concordar ou discordar. Isso exige diversas habilidades que a escola pode ajudar a desenvolver. São habilidades relacionadas à observação, à atenção, à memória, à associação, à análise, à síntese, à orientação espacial, ao sentido de dimensão, ao pensamento lógico e ao pensamento criativo. Elas nos permitem perceber como os elementos da linguagem visual foram organizados: formas, linhas, cores, luzes, sombras, figuras, paisagens, cenários, perspectivas, pontos de vista, oposições, contrastes, texturas, efeitos especiais, etc. E perceber também como esses elementos estão associados a outros, como a música, as idéias, a história, a realidade, por exemplo.

Além disso, precisamos também associar tudo o que observamos com outras informações e conceitos provenientes dos conhecimentos acumulados por nós e pela cultura humana através dos tempos. É um jogo em que, às vezes, mergulhamos na emoção e, às vezes, tentamos fazer uma análise crítica por meio do raciocínio, da razão. Enfim, nunca nos podemos entregar passivamente, sem uma participação ativa. Uma atitude de atenção e de crítica é essencial. A sensibilidade, a inteligência e a vontade são os agentes principais dessa atividade, ao mesmo tempo intelectual e emocional.

Ou seja, para que a percepção esteja bem afinada, não basta um olhar ingênuo, passivo, submisso, desatento ou distraído. É necessário responder, é preciso ser atuante, participante, ativo. Nesse processo, colocamos as capacidades de nossa mente e de nossa sensibilidade em intensa atividade. Esse trabalho é ao mesmo tempo de indagação, de questionamento (a linguagem visual me propõe perguntas) e de elaboração de múltiplas possíveis respostas (eu tento responder às perguntas que me são propostas).

Como vimos, a imagem está em nossa vida, faz parte de nosso dia-a-dia e necessitamos dela como forma especial de compreensão e de conhecimento do mundo que nos cerca. Mas precisamos de uma educação para o convívio com a imagem.

Elaborar estratégias concretas para que a escola possa contribuir para que os jovens desenvolvam a competência de analisar, compreender e interpretar de forma crítica a avalanche de imagens à qual estão expostos é uma questão urgente. Exige criatividade, ousadia, experimentação, o que, normalmente, nos deixa inseguros. Mas trata-se de uma insegurança produtiva, que nos faz avançar.

Nessa tentativa, vamos focalizar o caso específico do uso do audiovisual pelo professor de língua portuguesa como forma de delinear algumas propostas de trabalho na escola. Em princípio qualquer material audiovisual pode ser considerado um texto e presta-se ao trabalho com a língua portuguesa, já que permite "leitura" e análise da linguagem utilizada.

Há pelo menos duas possibilidades de seleção desse material:

a) quando o vídeo já foi previamente escolhido para o trabalho interdisciplinar com outros professores da escola e o professor de língua portuguesa vai planejar seu trabalho a partir do vídeo;

b) quando o professor de língua portuguesa escolhe um vídeo para ilustrar, ampliar, aprofundar um tema de estudo, um objetivo específico de trabalho.

Em qualquer das situações, o professor tem possibilidades múltiplas e flexíveis de trabalho.

1. O texto audiovisual pode servir apenas para trazer *informações acerca de um tema, de um assunto*, e o trabalho pedagógico vai privilegiar as habilidades de: ouvir, ver, compreender, relacionar, associar, selecionar informações, fazer anotações, memorizar, interpretar, argumentar...

2. O texto audiovisual pode servir de base para um trabalho sobre a linguagem que está sendo utilizada nele próprio. Neste caso, o trabalho focaliza propriamente o uso da língua portuguesa: estruturas específicas da língua oral, gêneros orais, vocabulário, efeitos pragmáticos de escolhas estilísticas, níveis de linguagem, dialetos e variação, etc.

3. Há casos em que o material audiovisual se presta simultaneamente às duas vertentes de trabalho: o tema e a estrutura da linguagem.

Em qualquer um dos casos, o professor estará trabalhando um ou mais de um dos objetivos das aulas de língua portuguesa, que se configuram resumidamente como:

Desenvolver competências e habilidades lingüísticas que conduzam o estudante a saber ouvir, falar, ler, escrever e analisar a língua nas diversas situações de uso da linguagem verbal e com diversos objetivos. Essas competências configuram-no como cidadão capaz de agir por meio da linguagem.

No que se refere à habilidade de ouvir/ver, é importante observar que:

- o aluno deve ser orientado a controlar sua atenção, testar suas hipóteses e sua compreensão (objetivos específicos ajudam);
- os objetivos devem estar claros para todos (são combinados antes do início da atividade);
- as atividades podem ser planejadas em conjunto (a negociação com os alunos garante o compromisso);
- o professor observa as atitudes dos alunos e reorienta a atividade (às vezes é necessário rever o todo ou partes para esclarecimento de dúvidas);
- a avaliação e a auto-avaliação podem ser desenvolvidas durante o processo (Todos estão compreendendo? Quais as dificuldades? São dificuldades técnicas? É o vocabulário? Você está se esforçando ao máximo?);
- a apreciação positiva dos avanços estimula o crescimento;
- atividades associadas estimulam o envolvimento. Por exemplo: escrever ou falar sobre o tema depois de ouvir e ver;
- por meio das atividades com TV/vídeo, os estudantes entram em contato com gêneros orais específicos e podem analisar detalhadamente seu funcionamento e sua estrutura: entrevistas, debates, conversa semi-informal, reportagens, comentários, instruções, propaganda, publicidade, teleteatro, telenovela, teleteatro interativo, narrativas de ficção entre outros.

No que se refere à habilidade de falar, é importante observar que:

- o domínio da expressão oral desenvolve-se nas atividades em que é possível falar com objetivos diferentes

A leitura da imagem

dos da conversa informal;

- todos nós gostamos de falar sobre o que conhecemos;
- os debates e a troca de impressões esclarecem e enriquecem a compreensão;
- é preciso orientação para o controle do nível de formalidade (vocabulário, formas de tratamento do interlocutor e estruturas sintáticas) a ser usado no debate;
- as regras de polidez na conversação formal devem ser discutidas e esclarecidas;
- a avaliação e a auto-avaliação podem desenvolver-se durante o processo;
- a apreciação positiva dos avanços estimula o crescimento;

Atividades associadas estimulam o envolvimento. Por exemplo: elaboração de relatório escrito, apresentação de trabalhos com resumos dos debates, etc.

- A partir das atividades com TV/vídeo, os estudantes podem exercitar gêneros orais específicos como: entrevista, debate, conversa semi-informal, reportagem, comentário, instruções, propaganda, publicidade, teleteatro, telenovela, teleteatro interativo, documentários, narração de acontecimentos (jogos, eventos, acidentes, catástrofes, fatos políticos), narrativas de ficção, entre outros.

No que se refere à habilidade de ler, é importante considerar que grande parte das habilidades de leitura exigidas para a compreensão e a interpretação de textos escritos são exigidas para textos audiovisuais.

É importante construir previamente algumas perguntas que ajudam a controlar o objetivo e a atenção, como, por exemplo:

- Quem conduz a mensagem principal do texto?
- Quais são as opiniões divergentes apresentadas?
- Que segmentos sociais são representados?
- Qual o gênero?
- Com quais procedimentos devo interpretar a mensagem?
- Qual é o objetivo?
- Qual é o veículo utilizado?
- De que recursos a mensagem lança mão?
- Como esses recursos são utilizados?
- Com que objetivo são utilizados?
- Que associações permitem que o leitor/espectador faça?
- Quais são as informações novas que o texto veicula?
- Como essas mensagens e informações se relacionam com a vida contemporânea?
- Que este autor pensa desse assunto? Em que discorda dos que já conheço? O que acrescenta à discussão?
- Quais fenômenos estão em jogo nessa mensagem?
- Qual é o conceito, a definição desse fenômeno?
- Quais são os argumentos em jogo?
- Com quais argumentos eu concordo e de quais eu discordo e por quê?
- Como ocorreu esse fato? Onde? Quando? Quais são suas causas? Quais são suas conseqüências? Quem estava envolvido? Quais são os dados quantitativos citados?
- Que é mais importante nesse texto? O que eu devo anotar para utilizar depois?

Quando começamos uma leitura sem nenhuma pergunta prévia, temos mais dificuldade em identificar aspectos importantes, reconhecer o gênero, reagir adequadamente, distinguir partes do texto, hierarquizar as informações.

É preciso considerar também que procedimentos cognitivos semelhantes são acionados nas duas formas de leitura, tais como:

- *procedimentos específicos de seleção e hierarquização da informação*: observar títulos e subtítulos; identificar fragmentos significativos; relacionar e integrar, sempre que possível, esses fragmentos a outros; decidir se deve consultar o dicionário ou adiar temporariamente a dúvida para esclarecimento no contexto; tomar notas sintéticas de acordo com os objetivos;
- *procedimentos de clarificação e simplificação das idéias*: construir paráfrases mentais ou orais de fragmentos complexos; substituir palavras desconhecidas por sinônimos familiares; reconhecer as relações entre palavras e entre imagens que formam segmentos significativos;
- *procedimentos de reconhecimento da coerência entre as informações apresentadas no texto*: identificar o gênero; ativar e usar conhecimentos prévios sobre o tema; usar conhecimentos prévios extratextuais, práticos e da estrutura do gênero; associar informações trazidas pelas imagens às trazidas pela linguagem verbal;
- *procedimentos de controle e direcionamento da atividade mental*: planejar objetivos pessoais significativos para a atividade; controlar a atenção voluntária sobre o objetivo; reconhecer erros no processo de decodificação e interpretação; segmentar as unidades de significado; associar as unidades menores de significado a unidades maiores; auto-avaliar continuamente o desempenho da atividade; aceitar e tolerar temporariamente uma compreensão desfocada até que se desfça naturalmente a sensação de desconforto.

No que se refere à habilidade de escrever, é importante observar que:

- a habilidade de fazer anotações rápidas pode ser desenvolvida durante atividades com audiovisual;
- as atividades orais podem conduzir sempre a um trabalho associado, em que a escrita seja trabalhada posteriormente: resenhas, relatórios, artigos, monografias, etc.;
- a transposição da modalidade oral informal para a modalidade escrita formal exige um trabalho minucioso acerca das estruturas lingüísticas específicas de cada uma delas, o que depende de orientação do professor;
- muitos gêneros orais baseiam-se num texto previamente escrito, que serve apenas de base: palestras, narração de programas documentários, dramatizações, roteiros para apresentações de trabalhos de pesquisa etc. Outros utilizam um texto inicial orientador e dão origem a um texto mais elaborado e editado, como é o caso das entrevistas impressas.

No que se refere à habilidade de analisar o funcionamento da língua, é importante observar que:

- a utilização do vídeo permite retroceder a fita e observar a linguagem oral – que é rápida e evanescente – de modo mais detalhado e conduzir a uma maior consciência sobre seu funcionamento;
- pode-se trabalhar com pausas, retrocessos e comentários específicos;
- há na TV uma variedade infinita de situações reais de uso da linguagem, e isso permite a comparação do funcionamento nos diferentes contextos;
- o professor pode estabelecer o objetivo da análise de acordo com as necessidades da turma. Alguns pontos interessantes são:
 - a adequação da linguagem ao objetivo da comunicação;
 - as características de cada gênero (temas, estruturas lingüísticas, estilos) de comunicação oral;
 - as características de cada tipo textual: descrição, narração, exposição, argumentação, diálogo;
 - novos itens do vocabulário acerca de um tema;
 - os recursos de persuasão e de argumentação;
 - as diversas variações da língua portuguesa realizadas pelos falantes das regiões brasileiras;
 - os diversos níveis e registros da linguagem: informal espontânea (entrevistas de rua); informal planejada (entrevistas de estúdio); formal (telejornais); dos jovens; dos mais velhos; próprios de cada profissão.

Como vimos, o trabalho com o audiovisual permite uma infinidade de atividades voltadas para a ampliação do universo lingüístico e cognitivo dos alunos. O professor estabelece inicialmente os objetivos, empreende a

análise prévia das possibilidades do material audiovisual, seleciona os tópicos que devem ser focalizados no grupo, planeja as atividades adequadas aos objetivos, sempre deixando uma margem de flexibilidade para que o trabalho interativo com os alunos possa redirecionar a trajetória de acordo com as necessidades do momento.

O desenvolvimento das habilidades aqui apresentadas depende de debates, conversas, troca de opiniões divergentes, discussões, focalização de objetivos que apresentem desafios interessantes para os alunos. Nesse processo de interação, participação e troca de experiências há um crescimento significativo do senso crítico, o que favorece a consolidação da cidadania, da identidade e impede a dominação ideológica e simbólica.

Referências bibliográficas

- CALKINS, L. M. *A arte de ensinar a escrever*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- CITELLI, Adilson. *Aprender e ensinar com textos não escolares*. CHIAPPINI, Lígia (Coord.) São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- GARCEZ, Lucília H. C. *A escrita e o outro*. Brasília: EdUnB, 1998.
- _____. *Técnica de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. *Explicando a arte*. São Paulo: Ediouro, 2001.
- GERALDI, J. W. *Aprender e ensinar com textos dos alunos* CHIAPPINI, Lígia (Coord.) São Paulo: Cortez Editora, 1997.
- _____. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras -ALB, 1996.
- KATO, M. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- _____. *No mundo da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- NÓVOA, A. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote, 1999.
- REZENDE, Ana Lúcia; REZENDE, Nauro Borges. *A tevê e a criança que te vê*. São Paulo: Cortez Editora, 1989.
- SMOLKA, A. L. B. A dinâmica discursiva do ato de escrever: relação oralidade escrita. In SMOLKA, A.L.B. e outros (Orgs.) *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. Campinas: Papyrus, 1993.
- VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- _____. *Pensamento e linguagem*. Lisboa: Antídoto, 1979.

Notas

¹ Professora da pós-graduação e pesquisadora associada do Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Mestre em Teoria da Literatura (UnB). Doutora em Lingüística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Escritora. E-mail: <lucigarcez@uol.com.br>

3.6. Processos de produção de vídeos educativos



A realização de uma peça audiovisual com objetivos educativos, seja um vídeo ou uma instalação fotográfica com efeitos sonoros, requer alguns cuidados desde o início da produção. Não se trata de uma simples justaposição de elementos pedagógicos a recursos visuais. É sem dúvida um processo complexo, mas não tão difícil como parece ou como querem nos fazer crer. Ao contrário, é saudável e desejável estender a alunos e professores os processos de produção dos vários meios de comunicação, notadamente o vídeo. Afinal, trabalhar com recursos visuais nas diversas áreas do conhecimento tornou-se uma imposição dos tempos atuais.

Já se disse que, num futuro próximo, as sociedades que não adotarem os meios audiovisuais para preservação da memória e da cultura do seu povo estarão fadadas à extinção, assim como várias sociedades desapareceram sem deixar registro. Pode parecer exagero, mas se analisarmos as inovações tecnológicas a que estamos submetidos, veremos que o século XXI exacerbou uma linha divisória já existente entre dois mundos: o mundo dos "países digitais" e o outro, que está à margem desse processo.

Infelizmente, centenas de milhões de pessoas estão do lado do mundo com pouco ou nenhum acesso às inovações tecnológicas digitais, principalmente às chamadas novas tecnologias – termo genérico usado, na maioria das vezes, para se referir às tecnologias da comunicação e da informação. As conseqüências dessa divisão ainda não foram totalmente avaliadas. Apesar das enormes contradições, mesmo em países em desenvolvimento como o Brasil, a familiaridade dos jovens e das crianças com os meios audiovisuais a que têm acesso é significativa. Em muitos casos, chega mesmo a intimidar professores na sala de aula. Não seria exagero afirmar que o futuro é visual e digital. Portanto, a familiaridade com os meios de produção audiovisuais é mais que necessária para a formação de professores e alunos.

Para efeito desta discussão, vamos nos referir à produção de programas de vídeo como exemplo de produção de peças audiovisuais. A seguir, veremos em detalhes as várias etapas da produção de um vídeo. De forma geral, podemos dividir o processo de produção em cinco etapas: a) criação e planejamento; b) roteiro; c) pré-produção; d) direção e gravação; e) edição e finalização.

Em primeiro lugar, é necessário definir o assunto e o objetivo do vídeo a ser produzido, levando-se em conta que um programa educativo não é, necessariamente, uma aula. Um vídeo educativo pode viajar por gêneros variados – documentário, novela, telejornal, reportagem, teatro, etc. Pode relatar, discutir, contrapor, instigar, informar, interagir. É uma peça "viva", mesmo confinada entre as linhas da imagem eletrônica. Na fase de criação e planejamento, é importante fazer um levantamento dos recursos disponíveis e do que será necessário para ilustrar o assunto – fotos, pinturas, documentos, locações, imagens em movimento de arquivo e a serem gravadas, atores, locutor(a), etc. É necessário saber o que queremos de um vídeo e o que vai ser dito. Muitas vezes, o objetivo da peça audiovisual é suficiente para escolher o melhor gênero, o tipo de locução, os participantes, etc.

Antes de fazer o planejamento, é bom ter claro que três elementos são fundamentais: a) conhecimento técnico mínimo; b) uma equipe experiente; c) bons equipamentos. Depois de definir o assunto e a finalidade do vídeo, é hora de dar forma a ele. Inicia-se, então, o processo mais sutil e, sem dúvida, um dos mais importantes na produção de um vídeo: a roteirização. É o roteiro que vai dar a "cara" do programa. Com um bom roteiro, o trabalho do diretor fica muito mais fácil e é meio caminho andado para se ter um bom produto. É óbvio que um roteiro pode sempre resultar num produto ruim se os recursos forem de má qualidade ou se o trabalho dos profissionais deixar a desejar. Por outro lado, se a equipe for experiente, estiver afinada e contar com bons equipamentos, o resultado pode ser excelente.

Quando o assunto abordado é muito específico, algumas vezes é necessário contratar um "conteudista", que vai apresentar um texto de apoio para orientar o roteirista. Na maioria das vezes, ele é escrito por um especialista da área de conhecimento em questão. Esse conteúdo vai permitir que o roteirista trabalhe com uma margem menor de erros. A maioria dos programas da TV Escola tem um conteudista. É ele quem sintetiza as principais informações que merecem entrar no vídeo. Afinal, um livro de história ou de filosofia com 400 páginas pode acabar virando uma série de quatro programas de 10 minutos cada um, que podem ser excelentes materiais complementares, com possibilidades diversas de aprofundamento. É necessário que o que vai ao ar tenha conteúdo coerente e sintetizado – para usar um jargão do meio jornalístico, o texto deve ser enxuto, sem redundâncias. O trabalho do conteudista é tentar impedir que imprecisões ou incoerências sejam veiculadas. Na maioria dos casos, uma boa pesquisa de temas, costumes, documentos e adereços de época é suficiente.

A precisão da informação na produção de vídeos educativos é outro elemento-chave que abordaremos ao longo deste texto. Antes vamos falar da transformação da informação numa linguagem audiovisual – a confecção do roteiro. O processo é delicado, porque é o roteiro que vai definir o programa. É nessa etapa que decidimos se o programa terá ou não um apresentador, uma voz em off (quando a pessoa não aparece), se teremos atores, onde e quando utilizaremos animação, computação gráfica e outros efeitos especiais. É a hora de liberar a criatividade sem esquecer algumas regras importantes.

Antes de sentar para escrever, o melhor é se familiarizar com os vários modelos de roteiro existentes. Cada profissional tem um jeito próprio de trabalhar, mas há dois modelos mais usados. O primeiro, que é mais comum ao cinema, descreve seqüências numeradas de imagens e diálogos ao longo da página, explicando a ação e que imagens serão usadas para ilustrar o que é dito. O segundo, que é mais usado para vídeo, divide a folha de papel em duas colunas. A da direita é usada para descrever tudo o que diz respeito ao som ou áudio. A coluna da esquerda é utilizada para descrever o tratamento visual, imagens e outros recursos visuais que irão compor o programa.

Temos de ter em mente que a confecção de um roteiro é como ter uma espécie de colcha de retalhos soltos, ainda na mente do roteirista, à espera de uma costura. Há cenas, diálogos, textos, ilustrações, documentos e imagens que estão diante do roteirista e devem ser costurados. Em muitos casos, fica ainda mais fácil para o roteirista visualizar o roteiro quando ele desenha as cenas ao lado do texto a ser gravado. Chamamos a isso de *storyboard*.

Ainda sobre o roteiro, desejo abrir um parêntese para abordar a questão da linguagem, já que não é raro encontrarmos textos absolutamente inadequados a programas educativos. Muitas vezes, deve-se à ausência de uma boa pesquisa, mas na maioria das vezes a falta de atenção do roteirista na hora de escrever o texto é a principal responsável pela inadequação da linguagem. As situações mais freqüentes são aquelas em que o roteirista subestima a capacidade intelectual do espectador e acaba infantilizando demais os diálogos ou as situações cênicas. Em outros casos, pode ocorrer omissão ou interpretação errônea de um determinado período histórico e o emprego de informações não confirmadas. Às vezes, o uso de uma gíria em momento inadequado ou uma entonação jocosa são suficientes para suscitar interpretação preconceituosa, envolvendo determinado grupo social, étnico ou religioso.

É imprescindível fazer uma revisão acurada do roteiro, por uma ou mais pessoas, antes de aprová-lo. É recomendável retirar gírias, informações não confirmadas, termos regionais, elitistas ou que possam adquirir duplo sentido. É também recomendável estar atento a referências que não sejam rapidamente entendidas por quem assiste ao programa, independentemente de grupo social, étnico ou religioso. O ideal é que um programa educativo possa ser mostrado a pessoas de diferentes segmentos da sociedade e entendido por todos, sem restrições. Algumas regras devem ser seguidas: frases curtas e na ordem direta, evitar adjetivos e frases introdutórias longas e sem efeito. Quanto mais objetivo, direto e claro for o texto, melhor será a compreensão.

Outra coisa importante é checar as ligações entre as várias seqüências do roteiro. Um bom roteiro precisa ter "fluidez", ou seja, o telespectador não deve ter a impressão de estar assistindo a programas distintos, estanques. Como sabemos, a televisão é um meio frio e requer a atenção de quem a assiste para apreender o que está sendo mostrado. Portanto, a fluidez de um roteiro é importante para manter a atenção do público no programa.

Há outras formas de se construir uma peça audiovisual eletrônica. Uma delas é seguindo o estilo reportagem, sem um roteiro prévio, apenas uma idéia na cabeça. Neste caso, a câmera deve ser ágil e estar presente onde os fatos estão ocorrendo. Pode haver a narração simultânea ou ser sonorizado depois, durante o processo de edição. É possível também utilizar efeitos sonoros distintos do som original, como músicas instrumentais, harmonizar as seqüências do vídeo na hora da montagem. Este gênero é muito útil para registrar fatos corriqueiros, explorar a criatividade das pessoas envolvidas e é, sem dúvida, uma boa forma de ganhar intimidade com a linguagem do audiovisual eletrônico.

Finalizado o roteiro, temos pela frente o processo de pré-produção. É necessário reunir todas as pessoas envolvidas e discutir o que se quer do vídeo. É a hora em que decidimos quem vai fazer o que e o que é necessário para tornar possível o programa. Esta etapa requer grande esforço da equipe de produção. É necessário escolher atores, entrevistados, locais onde as cenas serão filmadas, marcar hora de estúdio, etc. É como montar um quebra-cabeça. Tudo deve acontecer no momento certo e nada pode falhar, caso contrário, as peças não se encaixam. Depois vem a gravação do programa, quando tudo o que foi idealizado ganha forma. É necessário que o diretor esteja absolutamente afinado com sua equipe, como numa orquestra. Ao menor sinal do maestro, a orquestra estará pronta para executar a peça.

Durante o processo de gravação, tudo é importante, desde a iluminação, a atuação e a aparência dos atores/entrevistados até a gravação propriamente dita. No entanto, é importante ressaltar a importância da qualidade do som quando a gravação é feita em campo. Nada mais irritante do que ouvir ruídos de fundo quando tentamos nos

concentrar naquilo que é dito em uma entrevista. O áudio de um programa em vídeo é tão importante quanto a imagem, portanto um simples descuido pode comprometer a qualidade do produto final.

O papel do diretor merece comentário à parte. É ele quem vai transformar em realidade o que foi pensado pelo roteirista e quem vai apresentar soluções criativas para incongruências, inadequações ou erro de seqüências das cenas que possam existir no roteiro. O diretor deve ter uma visão clara das várias seqüências para uni-las de forma harmônica e estar apto a tomar decisões diante de acontecimentos inesperados. Como sabemos, nem sempre as imagens de um programa são gravadas na ordem em que serão editadas. É possível, por exemplo, gravar o encerramento antes da primeira seqüência do programa, por isso são imprescindíveis uma boa pré-produção e um diretor experiente.

Quanto mais longo um vídeo, maior e mais detalhado será o trabalho de pré-produção e mais complexo o trabalho do diretor. É ele o responsável por tudo que é gravado e, em última instância, pela qualidade das imagens apresentadas. Com o roteiro já pensado e repensado, o diretor deve gravar vários planos da mesma imagem, de forma a ter um farto material na hora de editar. O ideal é ter um monitor para acompanhar as gravações no momento em que estão sendo feitas. É aconselhável sempre repetir a gravação dos planos, no caso de uma ou outra imagem estar fora de foco ou apresentar imperfeições técnicas. Em se tratando de vídeo educativo, deve-se evitar imagens que destaquem, mesmo em segundo plano, produtos ou marcas comerciais. O diretor deve estar atento a isso. Se mesmo assim alguma imagem inadequada for gravada, temos ainda o processo de edição para tentar salvá-la com algum efeito ou substituí-la, se for o caso.

A última etapa, a de edição e finalização, é tão importante quanto as anteriores. Nesta fase, será feita a "costura geral" da nossa colcha de retalhos. A ordem das imagens, os planos, a gravação do(a) locutor(a), a participação de atores, etc. estarão todos diante do diretor, que vai começar a escolher as melhores imagens e seqüências para montá-las. Para isso, todas as fitas devem ser decupadas, ou seja, deve-se anotar num papel o tempo de gravação de cada cena que aparece na tela. Dessa forma, saberemos localizar rapidamente cada imagem na hora da edição.

Hoje, a tecnologia que é usada nos equipamentos de edição oferece uma grande variedade de efeitos, chamados efeitos especiais. É possível utilizá-los em larga escala para ilustrar, animar, criar marcas, expandir e/ou comprimir imagens, entre outros. O uso indiscriminado de efeitos, no entanto, pode ser prejudicial quando altera a situação original, dando um sentido diferente do que foi testemunhado nas gravações. É óbvio que alguns efeitos podem embelezar um programa, disfarçar ou neutralizar marcas comerciais que tenham sido gravadas inadvertidamente. O uso de computação gráfica, por exemplo, pode ser útil no detalhamento de uma explicação e levar o espectador a lugares onde o olho humano não consegue alcançar, como numa "viagem" ao centro de uma molécula. Mas há uma regra que deve ser lembrada sempre: na dúvida, deve prevalecer o bom-senso.

A realização de um programa audiovisual educativo é, sem dúvida, uma tarefa complexa, mas perfeitamente exequível. Um pequeno segredo sobre produção é a familiaridade com as várias fases do processo e os equipamentos. Quanto mais se realiza, mais experiência se ganha e mais fácil será construir uma análise crítica dos meios audiovisuais, eletrônicos ou não. Portanto, mãos à obra.

Referências bibliográficas

APPADURAI, Arjun. *The production of locality in counterworks: managing the diversity of knowledge*. London: edited by Richard Fardon/ Routledge, 1995.

DANIEL, John. *Technology and education: adventures in the Ever Triangle in Learntec Conference*. Karlsruhe, Germany, 2002.

GREEN, David. *The burden of representation*. In: Tem/8 n° 14, 1984.

KELLNER, Douglas. *Media culture, politics and ideology: from Reagan to Rambo in his media culture*. London: Routledge, 1995.

KUEHNAST, Kathleen. *Visual imperialism and the export of prejudice: na exploration of ethnographic film in Crawford & Turton. Film as Ethnography*. Manchester: Manchester University Press, 1992.

KUHN, Annette. *The camera I: observations on documentary*. In Screen - DL, 1995.

NICHOLS, Bill. *Representing reality: issues and concepts in documentary*. Indiana University Press, 1991.

MOORE, Rachel. *Marketing Alterity in Visualising Theory: selected reviews from V.R.A. 1990-1994*. London:

Tecnologias audiovisuais: TV e vídeos na escola

edited by Lucien Taylor/ Routledge, 1994.

WEINBERGER, Eliot. *The Camera People in Visualising Theory*: selected essays from V.R.A 1990-1994. London: edited by Lucien Taylor/Routledge, 1994.

MEDIATAMENTE! Televisão, cultura e educação. Brasília: Ministério da Educação/Seed. Série de Estudos Educação a Distância, 1999.

Notas

¹ Jornalista. Mestrado em Antropologia Social pela Goldsmiths College (London University). Trabalhou nas grandes emissoras brasileiras de TV, foi correspondente do jornal *O Globo* em Londres e trabalhou na BBC de Londres durante nove anos, onde exerceu funções de repórter, apresentadora e editora.



3.7. Experimentação: planejando, produzindo, analisando



A produção de um audiovisual dá-se num processo anterior à atividade de produzir

O querer e saber produzir do professor cursista inicia-se a partir dos estudos do Módulo 1, quando reflete sobre o uso da tecnologia e percebe que esta não se configura como um bem ou um mal, mas a apropriação desigual ou o uso destrutivo e prejudicial que se fizer dela.

Ao analisar um filme cujo enredo já tivesse sido lido em um livro, constata-se que a leitura do livro é analítica e exige a imaginação do leitor, enquanto na televisão as imagens são construídas a partir de estímulos visuais e falam primeiro aos sentimentos e às emoções.

A televisão está presente no cotidiano dos alunos e exerce forte influência sobre as relações familiares e sociais. Nesse sentido, alerta ao educador que é preciso desenvolver os sentidos perceptuais, interagindo a razão, a emoção e a ação na interpretação da linguagem televisiva.

No processo das construções dessas concepções, descobrem pelas pesquisas realizadas em sala que os alunos utilizam os programas da televisão somente para entretenimento.

Mesmo que parte das programações veiculadas tenha relevância social e qualidade, algumas geram impactos negativos nas crianças. A televisão cria ilusões que muitos associam à realidade, as novelas são um exemplo disso: o telespectador identifica-se com as situações e as circunstâncias, o que facilita a adoção de "modelos de comportamento", confundindo as pessoas sobre o que é real e o que é ilusão.

Podemos afirmar que esse momento é bastante significativo para o tutor do curso "TV na escola e os desafios de hoje", pois o professor cursista internaliza a necessidade de uma formação de alunos conscientes, capazes de "saber" fazer uma leitura interpretativa e crítica de imagens.

O professor cursista dá-se conta de que a escola pode contribuir para a formação de cidadãos mais autônomos e conscientes, apreciando, decodificando e interpretando imagens junto com os alunos em sala de aula. E além de uma necessidade de aprender a ver as imagens e interpretá-las, é preciso compreender a forma com que as imagens televisivas são construídas e de que maneiras interferem em nossas vidas.

Para a escola cumprir o desafio e a função de ensinar o aluno a ver a televisão com olhar crítico, é exigido um conhecimento mais aprofundado desse meio de comunicação.

Uma das possibilidades de aprofundamento é a formação continuada na forma de educação a distância, que pode ser feita utilizando os próprios meios tecnológicos. E a necessidade no espaço da escola do vídeo e da televisão, não como um luxo, mas como uma necessidade.

A utilização da televisão pode ser uma oportunidade de democratização do conhecimento e da cultura, não se pode apenas condená-la, mas é preciso refletir sobre o uso e os valores que veicula.

Vivenciando e aprendendo, o professor cursista analisa nos programas de sua preferência, nas propagandas e no telejornal as diferentes linguagens e imagens, percebendo as imagens de close, próximo – distante, alto – baixo, direita – esquerda, grande – pequeno, equilíbrio – desequilíbrio, os recortes da realidade, constatando que os telejornais transmitem um volume restrito de informação, diferente de um jornal diário ou revista.

O que antes não conseguiam ver, como, cores, cenários, câmera fixa, passa a ser um elemento de análise. Os comerciais são um apelo ao consumo, exibidos sempre com muito apelo e sedução.

Essas atividades mencionadas já encadearam uma prática em sala de aula, iniciando uma análise de comerciais que promovem distorções irreais de imagens de forma apelativa e dos que apresentam o produto com criatividade, senso e humor.

Quando foi realizada a pesquisa em sala de aula sobre quanto tempo o aluno assiste à televisão, constataram que os alunos passam mais de 10 horas em frente à tela. Este resultado foi um alerta: a tecnologia chega independentemente de nosso preparo ou despreparo para lidar com ela. Melhor estarmos preparados.

Vivemos num mundo que se vai transformando rapidamente. Os alunos precisam aprender a resolver os desafios e os problemas inesperados que enfrentam e enfrentarão no cotidiano de suas vidas com originalidade e criatividade.

Reexaminando os objetivos do trabalho educativo desenvolvido nas escolas, o sentir, o fazer e o pensar não

são competências desenvolvidas nas escolas nas práticas pedagógicas correntes. É preciso construir um currículo voltado para essas finalidades.

Parte do objetivo de formação para uma autonomia de produção é vivenciada quando se descobre que antes e atrás de cada imagem há alguém que cria e envolve uma grande ambigüidade de interesses pessoais, políticos e econômicos.

Na reflexão sobre os jogos, a experimentação de uma aula sobre games, RPG e Pokemons, ministrada por um grupo de alunos adolescentes, possibilitou a compreensão de que o conhecimento é aprendido e dificilmente transmitido, professor é também aquele que aprende.

Os alunos, ao elaborarem a "aula" citada para os professores, fizeram a justaposição e compararam as imagens do vídeo "Vidas selvagens" à similaridade da magia e da força dos Pokemons. Partes do enredo são fantasias, mas o criador baseou-se também em fatos reais, utilizando conhecimentos sobre a vida dos animais.

Na montagem, os cursistas produziram novos significados, passaram da condição de consumidores para a de criadores. Além de tudo, eles possibilitaram aos professores entenderem as mudanças necessárias na sua prática pedagógica, visando à construção de conhecimentos, em vez da reprodução.

Vale ressaltar que muitos alunos têm uma prática de manuseio das novas tecnologias e jogos: são as gerações "tecnológicas". A escola precisa urgentemente aliar esses recursos, utilizando-os para provocar atividades significativas de aprendizagens.

Devemos aprender a aprender.

E como fazer isso?

Aprendendo a utilizar os meios tecnológicos como recursos importantes a serviço da educação

Outro momento de intensa reflexão deu-se quando apresentamos o Projeto TV Escola: possibilitamos aos cursistas participarem de oficinas coordenadas pelos orientadores de aprendizagem e amigos da TV Escola, além da interação dos cursistas e dos tutores num encontro coletivo presencial.

Numa das oficinas, discutimos sobre os programas de Ensino Médio. Como Fazer, Ensino Legal e Acervo, atualizando e orientando os cursistas para um trabalho contextualizado e interdisciplinar, analisando os vídeos "Pequenos Anjos da Colômbia" e "Paisagens da mente".

A finalidade do programa "Vendo e Aprendendo" foi apresentada aos professores cursistas numa proposta interdisciplinar e transversal, o vídeo escolhido foi o "Rio Amazonas", contextualizado com o *Globo Repórter* (Amazonas de 05/04/2002) e complementado com o livro *Amazonas*, de Thiago de Melo.

Na terceira oficina, com o objetivo de ampliar o olhar, apresentamos o "Salto para o Futuro", já familiar ao professor, uma vez que fazemos uma formação continuada nos estudos de grupo, nas escolas da rede pública, debatendo as questões relativas à prática pedagógica e à "Escola Aberta", um projeto em fase de elaboração para aproximar a comunidade da escola por meio do uso do kit tecnológico.

Uma sala ambiente foi construída, onde apresentamos os materiais impressos de apoio às programações, revistas, cadernos, guias para orientar a utilização do kit, cartazes, grades, exposição dos projetos criados pelas escolas a partir de vídeos da TV Escola. Elaboramos um varal expondo fotografias, textos com reportagens do nosso estado e reportagens significativas, relatando experiências de outras escolas do Brasil.

A outra oficina trabalhada, coordenada por um "amigo" da TV Escola, orientou os professores sobre produções de vídeos, recepção dos programas, manuseio do kit tecnológico e gerador de caracteres.

O processo de produção também vai internalizando-se de maneira imperceptível, quando o cursista é indagado de que forma assiste e seleciona seus programas, isso o força a analisar o que são programas educativos, não educativos e deseducativos.

Pouco a pouco, o cursista enxerga o que antes não via, na observação dos programas da televisão, como mesa-redonda ou entrevistas elaboradas, sabendo identificar quais ficam presos a um script pré-elaborado; enfim, passa a ter consciência de toda uma produção que está por trás das imagens.

E o processo de criação se intensifica quando a atividade possibilita a criação de uma notícia de jornal.

O cursista descobre que as novelas (antes discriminadas), as minisséries, os seriados, quando utilizados adequadamente, tornam-se recursos importantes, podendo descrever, desenhar, fazer montagens, recortes e colagens: todas essas estratégias possibilitam o uso pedagógico do vídeo e da televisão, o que aos poucos vai modificando o espaço da escola. Todas essas estratégias desenvolvem no aluno não apenas o sensorial, mas o cognitivo.

Percebi que neste estágio o professor cursista começa a associar, nas suas intenções pedagógicas, a reflexão sobre a linguagem audiovisual e integram a TV e o vídeo às suas atividades curriculares, adotando uma postura crítica e seletiva de bons programas, acomodando o desafio de utilização pedagógica desses recursos e possibilidade de um trabalho interdisciplinar.

As transformações durante e após o curso "TV na Escola e os Desafios de Hoje", bem como os resultados dessas transformações, não são possíveis de relatar em sua totalidade, só são percebidas no acompanhamento de tutoria neste processo.

Quando podemos ler nos memoriais relatos interessantes – que pela primeira vez um programa integra prática e teoria, possibilitando a discussão do processo de construção do projeto político-pedagógico da escola –, podemos ter certeza de que iniciamos de maneira concreta o exercício do processo democrático, bem como o acesso e o uso dos recursos tecnológicos de forma democrática.

Uma idéia para ser transformada em um vídeo ou filme passa por dois momentos: o da concepção (criação) e o da realização. A concepção compreende duas etapas: a elaboração do conteúdo e a tradução desse conteúdo para a linguagem audiovisual.

Os cursistas, no momento da produção, já trazem conhecimentos elaborados, como noções de enquadramento, estrutura, dinâmicas de recriação, planos, movimentos, som, manipulação de equipamentos construídos ao longo dos estudos.

O que não podemos ignorar é o resultado final em todo um processo precedente a partir das experiências vivenciadas.

Uma experiência vivenciada pelos cursistas que podemos relatar se refere à conclusão do Módulo 3. Expusemos a finalidade do encontro presencial e pedimos que os cursistas se dividissem em grupos. Como idéia geradora, oferecemos textos diversificados a cada grupo.

Um grupo criaria a partir do texto filosófico de Rubem Alves, o outro a partir de contos de fadas e um terceiro a partir de gibis. Eram os conteúdos.

Expusemos a necessidade de definir papéis – produtores, diretores, roteiristas, personagens – e a de conhecerem a função de cada um.

O segundo passo foi traduzir o texto original para a linguagem audiovisual.

O cenário era a própria escola, cada grupo deveria escolher e organizar seu espaço.

Houve os ensaios, a escolha de figurinos, a caracterização das personagens.

A gravação transcorreu num clima divertido e diversificado. O grupo dos contos de fadas escolheu como enredo a história de Chapeuzinho Vermelho, o cenário, a sala dos professores. O outro, a sementinha de Rubem Alves, o cenário em cima de uma árvore, e o do gibi escolheu uma história do Chico Bento, em que o cenário foi a sala de aula.

Na finalização dessa produção, assistimos à produção e avaliamos a atuação, fizemos uma seleção de imagens para gravar o vídeo definitivo.

Como avaliação do trabalho elaborado, faço uma apreciação do resultado: para aperfeiçoamento deste tipo de trabalho, no momento da apresentação dos grupos e gravação, era necessário que tivessem dois cinegrafistas, pois muitas imagens não puderam ser captadas, como a atuação dos diretores, que tiveram a função também de conduzir o cinegrafista, orientando-o para as cenas. Muitas vezes o cinegrafista, tendo de gravar as cenas, não tinha como gravar o diretor, que ora se posiciona atrás das câmeras, ora do lado. Não pudemos avaliar o papel do diretor nesta produção.

Foi um trabalho significativo, aprendemos a explorar com criatividade esses recursos tecnológicos e desenvolvemos uma atitude crítica em relação a esses recursos. Foi válido no sentido de que a gravação de um vídeo passa por instâncias de grande criatividade e pesquisa.

A produção e a gravação de vídeos na escola redimensionam uma prática educativa existente – a da passividade. O aluno torna-se sujeito de sua aprendizagem.

Referências bibliográficas

MACHADO, Maria Aglaê de Medeiros. *Progestão*: guia do tutor. Brasília: Consed, 2001.

MÓDULO do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje – v.1, v. 2 e v. 3,

REVISTA TV ESCOLA, n. 18, março/abril 2000. Brasília: Seed/MEC.

REVISTA TV ESCOLA, n. 11, maio/junho 1998. Brasília: Seed/MEC.

Notas

¹ Pedagoga (Universidade Estadual de Londrina). Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Psicopedagogia. Mestre em Linguagem e Educação, com especificidade em Metodologia do Ensino da Arte. Coordenadora regional do Curso de Professores Alfabetizadores. Professora de Metodologia do Ensino Fundamental do curso de Pedagogia. Coordenadora da TV Escola/Município de Vilhena. Tutora do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.



3.8. A televisão e o vídeo na escola. Uma nova dinâmica na gestão educacional



Este texto não pretende esgotar assunto tão vasto como a dinâmica da gestão educacional em tempos de tecnologia, mas busca trazer aspectos complementares à Unidade 3 do Módulo II do curso TV na Escola e os Desafios de Hoje. Seu propósito é contribuir com a discussão tanto pelos gestores que estão matriculados no curso como pelos professores que não tendo seus dirigentes como colegas de curso podem levar às suas escolas outras idéias para a construção solidária de um projeto pedagógico que dê conta da complexidade de um mundo em mudança.

A gestão contemporânea tornou-se um espaço ainda mais dinâmico em razão da expansão da tecnologia e sua disseminação em todas as áreas, setores e ambientes da vida e do trabalho.

Na educação, a inserção das tecnologias – com seus novos modos de aprender e ensinar, seus equipamentos, linguagens, valores éticos e estéticos – vem sendo abordada quase sempre do ponto de vista dos professores. E não são poucos aqueles que se queixam da falta de apoio na escola para uma ação mais eficaz.

De fato, a tecnologia traz desafios não só para os professores: também os gestores da educação² têm um papel essencial e uma responsabilidade social em liderar o processo de transição para uma educação capaz de formar o cidadão que vive e trabalha no terceiro milênio.

Gestão é ciência e arte, assim define o professor e doutor em Administração Paulo Roberto Motta.

Como ciência, é um aprendizado por meio do qual o dirigente constrói conhecimento, adquire novos valores, habilidades e competências, reconstrói sua experiência e aumenta o grau de compreensão sobre si mesmo e a realidade em que vive. Pode, assim, ampliar sua visão estratégica do trabalho e do mundo e sua capacidade de análise, julgamento, decisão e liderança, preparando-se para enfrentar os riscos e as incertezas de uma sociedade em mudança.

Mas não basta aprender: é preciso a arte de traduzir todo o conhecimento em ação. E a ação gerencial é uma expressão de autonomia, de reflexão, de segurança profissional, de conhecimento de si próprio e de seu papel na organização. É, ainda, capacidade de negociação entre interesses e demandas múltiplas e de integração de fatores organizacionais cada dia mais ambíguos e diversos.

Um desses fatores que vêm revolucionando e causando rupturas culturais em todas as organizações são as tecnologias da informação e da comunicação.

Para traduzir a ciência e a arte de ser gestor da educação no que se refere à inserção das tecnologias na escola, podem ser destacadas seis dimensões essenciais.

A primeira é a dimensão pessoal e diz respeito ao aprendizado que o próprio gestor deve buscar. Todo dirigente precisa compreender por que as escolas – mesmo as localizadas em locais pobres e distantes – devem ter acesso à tecnologia. Deve saber avaliar os danos individuais e sociais que a exclusão tecnológica e digital causa aos alunos e aos profissionais que estão sob sua liderança. Precisa investir no próprio conhecimento, assimilar o novo e encarar a mudança como um movimento natural para si mesmo e para a instituição em que atua.

A dimensão pedagógica é a segunda e refere-se à capacidade do gestor de superar a racionalidade tecnológica – que valoriza equipamentos e tecnologia como fim em si mesmos – assumindo o compromisso ético de inserir as novas linguagens e tecnologias no projeto pedagógico da escola. A educação deve ser contextualizada, uma vez que o conhecimento é uma construção humana de significados que têm um sentido para a vida do indivíduo. Ora, se a vida, o trabalho, a sociedade são permeados pela tecnologia, também a educação deve abrir-se para essa nova realidade e preparar os cidadãos para serem competentes, críticos, participantes, livres e solidários nessa sociedade do conhecimento. O mundo é uma grande sala de aula. Contudo, só quem foi educado para isso pode usufruir de todo esse espaço.

A terceira trata da capacitação inicial e continuada de seu grupo de profissionais. Assim como o gestor precisou aprender novos conceitos pedagógicos, estratégias de trabalho, linguagens de diferentes meios, formas de organização e desenvolvimento dos trabalhos, também os professores e o corpo técnico-administrativo devem ter acesso a todo conhecimento para que, na sua esfera de atuação e de forma interdisciplinar, transdisciplinar e intersetorial, possam transformar a escola em uma atuante comunidade de aprendizagem.

Dois pontos merecem ser destacados nessa dimensão. O primeiro diz respeito à autonomia que a própria tecnologia dá à escola na organização de um processo intencional de educação continuada. Por exemplo, um acervo como o da TV Escola, com mais de 4 mil vídeos transmitidos, e as incontáveis possibilidades da Internet permitem ao gestor criativo e com iniciativa montar diferentes processos de atualização e aperfeiçoamento de seu pessoal, sem depender dos órgãos centrais. Pode, ainda, com seus professores, preparar projetos de aceleração e recuperação de estudos para os alunos, além de incentivar o uso em sala de aula, na biblioteca e até mesmo em espaços alternativos, como ginásios de esportes, refeitórios e outros ambientes mais amplos, capazes de permitir a realização de eventos que alcancem, inclusive, a comunidade.

O segundo ponto é a busca do equilíbrio entre as necessidades básicas de aprendizagem e o uso das tecnologias. Muitos deixam-se seduzir pelas possibilidades dessas tecnologias e se esquecem que elas devem ser usadas com um propósito educacional. Assim, saber ler, interpretar, comunicar-se oralmente e por escrito, desenvolver o raciocínio lógico-matemático, conhecer o ambiente e a história, entre outros, continuam sendo objetivos fundamentais para todo cidadão ter sucesso ao longo de sua vida escolar e profissional. As novas tecnologias, quando bem utilizadas, preparam educadores e educandos para não se deixar manipular pelos meios, aumentam a autonomia, ampliam as possibilidades de aprendizagem e rompem as fronteiras do saber.

A quarta dimensão em que o gestor deve atuar é certamente a mais simples, pois trata dos alunos. Nossos alunos já nasceram em um mundo mediado pela tecnologia e consideram-na parte intrínseca de suas vidas, mesmo que nas suas casas não haja muitos recursos tecnológicos. Por não se inibirem diante de televisões, videocassetes, jogos eletrônicos, computadores, Internet, celulares e quaisquer novidades que porventura surjam, são aliados dos gestores e professores. Se houver problemas na programação de um videocassete, na regulagem de uma antena parabólica, no uso de um software novo, os alunos estão prontos para enfrentar o desafio. Mas é preciso atenção para que os estudantes não se distraiam com o manuseio e a parte lúdica da tecnologia e deixem de usá-la para aprender, criar e conviver mais.

A quinta diz respeito à infra-estrutura. Nossas escolas não foram planejadas, organizadas nem construídas para o uso das tecnologias. Assim, há uma infra-estrutura pouco visível que deve ser providenciada, como fios, cabos, tomadas, etc., em salas de aula e em todos os locais onde são ou venham a ser usados os equipamentos. Podem ser necessárias adaptações e construção de espaços físicos, bem como a compra de mobiliário adequado. A manutenção e a segurança dos equipamentos bem como o material de consumo (fitas, tinta para impressora, folhas e tantos outros) são aspectos importantes, quase sempre sob responsabilidade da própria instituição. Além disso, embora os órgãos centrais façam aquisições mais volumosas, pode haver interesse da escola em aumentar o número de equipamentos recebidos, sem esquecer das demandas de atualização na tecnologia – fato corriqueiro nos dias de hoje. Ou seja, oferecer as bases operacionais que deixam fluir naturalmente o uso da tecnologia exige do gestor grande dose de autonomia, iniciativa, criatividade, bem como capacidade de captação de recursos e de negociação com diferentes atores.

A sexta dimensão é a da articulação com a comunidade. A comunidade é aliada da escola em diversos aspectos, como, por exemplo, na instalação de fios e tomadas, na recuperação de espaços, no controle do uso pedagógico dos equipamentos, no conserto de aparelhos (pais/alunos eletricitistas). Há muitos exemplos de ação conjunta escola – comunidade. Nos Estados Unidos, foi definido um "Net Day" – um dia em que todos os educadores, alunos, pais, junto com empresas de telecomunicações, eletroeletrônicos, comércio e outras prepararam as escolas para serem ligadas à Internet. Em Planaltina, no Distrito Federal, a coordenadora de tecnologia de uma escola fez acordo com uma fábrica de picolés e, a cada unidade vendida, ela recebe um percentual que é usado para compra de fitas para gravação dos programas da TV Escola. Há muitos outros exemplos dessa integração. É fundamental, no entanto, que o gestor não se limite a pedir ajuda e saiba, também, oferecer as tecnologias para capacitar essa comunidade, que é sua parceira.

As seis dimensões são inter-relacionadas, e sua combinação provoca uma sinergia que movimenta a escola e faz do gestor o líder empreendedor capaz de contribuir com a ruptura de uma cultura pedagógica e gerencial superada pela dinâmica da ciência e do conhecimento, levando sua instituição a novos patamares de qualidade.

O gestor moderno deve estar preparado para liderar essa transição, consciente de que vive uma oportunidade ímpar de aprendizado coletivo, aprendizado este que o caracteriza como um ser histórico ou, como diria Paulo Freire, um ser que é capaz de transformar o seu contexto e de saber-se transformado pela sua própria criação.

Referências bibliográficas

- CASTRO NEVES, Carmen Moreira de. Tecnologias na educação presencial ou a distância: seis lições básicas. *Pátio – Revista pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- MOTTA, Paulo Roberto. *Gestão contemporânea: a ciência e a arte de ser dirigente*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Notas

- ¹ Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental, mestre em Educação, diretora do Departamento de Política da Educação a Distância da Secretaria de Educação a Distância/MEC.
- ² Gestores aqui são os diretores, os coordenadores e os supervisores pedagógicos em escolas e órgãos locais ou regionais e também reitores de universidades e secretários de Educação estaduais e municipais com seus auxiliares diretos.

3.9. É possível educar para e com a TV?



O objetivo deste texto, dirigido a professores do Ensino Fundamental e Médio, é abordar, ainda que de forma resumida, alguns passos que considero essenciais para o desenvolvimento de uma relação saudável e produtiva entre educação e televisão. Os textos precedentes dão conta de diferentes aspectos, manifestações e efeitos da mídia televisual na sociedade contemporânea, sobre os quais o professor precisa refletir para construir uma autêntica compreensão do fenômeno e de como ele atua sobre todos nós, como telespectadores. Aqui, vamos nos ater a caminhos e possibilidades de atuação dos professores na busca de uma educação para a televisão.

A mais forte presença da TV em sala de aula

Quer se trate, ou não, de escolas equipadas com televisores, antenas e videocassetes, ou DVDs, convém reconhecer que a TV está fortemente presente na esmagadora maioria das salas de aula, integrando todos os processos de ensino – aprendizagem que diariamente aí se busca desenvolver. As mensagens da TV comercial alimentam as emoções e o imaginário do alunado, em todas as faixas etárias. O cardápio preferido constitui-se de novelas e seriados, reality shows, programas de auditório e desenhos. Por vezes, inclui filmes (tanto os chamados educativos quanto os ficcionais). Servida e consumida em casa e na escola – pois nutre e conforma, de modo marcante, a sensibilidade e a inteligência de crianças e jovens –, a presença permanente e atuante dessa alimentação imaterial talvez constitua, hoje, um dos componentes mais desafiantes das situações com que o professor depara nas salas de aula.

No entanto, ainda se está configurando um movimento articulado para levar a TV à escola como objeto de estudo, de modo muito especial, que se integre à formação pedagógica dos professores. Cresce a consciência de que a questão é substantiva, e isso se tem manifestado no número de artigos, pesquisas, publicações, seminários e teses dedicados a ela. Cursos superiores de pedagogia já a têm incluído nos currículos, ainda que timidamente. A TV Escola, programa nacional lançado em 1996 pelo MEC, voltado para o uso da televisão a serviço da educação, está contemplando e discutindo também caminhos para uma formação crítica dos educadores em relação à mídia televisual: nessa linha é que se inserem os programas desta série do Salto para o Futuro, que ensinaram este e os demais textos desta publicação.

Equívocos iniciais a evitar

Como lidar proveitosamente com a realidade da TV presente em sala de aula, como alimento preferencial dos corações e mentes de nossos alunos? Descartemos, de saída, o equívoco da adoção de um comportamento anti-TV. Ou mesmo de conselhos sobre o tempo gasto diante da telinha, que seria saudável limitar. Embora muitos professores já tenham compreendido que por aí pouco ou nada resulta de proveitoso, ainda é preciso insistir: pode-se gostar mais ou gostar menos, ou desgostar do que a TV representa nas nossas vidas e de como ela se tornou participante invisível de nosso trabalho. O que não se pode, indiscutivelmente, é ignorar a TV e como ela nos afeta – a todos. Nem ignorar que ela nos captura por meio de estímulos sensoriais e emocionais, antes de mais nada.

Cada professor precisa reconhecer a necessidade de melhorar sua qualificação como telespectador. E mobilizar-se para superar o nível superficial do gosto/não gosto em relação à TV, construindo, pouco a pouco, um novo saber e um novo nível de relação consciente com ela. Buscar os porquês de seus "gostares e não-gostares". Cabe ir um pouco mais fundo: perguntar-se o que são, como atuam, o que desejam esses conteúdos e formas, essas imagens, sons e textos mixados, que vão formatando nossas subjetividades.

Um segundo equívoco a evitar é a adoção de receituários tipo "como ver TV" e outros manuais congêneres. Cabe lembrar que já existem muitos trabalhos científicos consistentes sobre a interface televisão/educação no Brasil e em outros países. Deles têm vindo sugestões aos professores sobre diretrizes e metodologias úteis e adequadas. Ou seja, há ferramentas pedagógicas que ajudam a formar professores interessados em educar para a TV. O importante é que não se colocam como receitas. Joan Ferrés, da Universidade de Barcelona, pesquisador e pedagogo especialista nessa área, adverte:

"um método é ... um instrumento de treinamento para a análise e a compreensão. Como ferramenta, pode ser tão indispensável numa primeira aproximação crítica ao meio como desnecessária depois, porque o seu objetivo final é ... (que o esqueçamos) a partir do momento em que seus mecanismos ... tenham sido internalizados pela prática contínua".

Mais adiante, estão mencionados os livros desse autor.

O que fazer em relação aos programas que exploram a "baixaria"?

No terceiro capítulo do livro *Televisão & educação – fruir e pensar a TV*,² que escrevi a convite da autora, professora Rosa Maria Bueno Fischer, relato e comento algumas das experiências que desenvolvi e desenvolvo com os cursos-oficinas. O objetivo era (e é) introduzir professores no que considero uma relação mais qualificada com a linguagem e as mensagens da televisão para que pudessem, também eles, ajudar a qualificar as leituras de seus alunos. Daquele contexto, relato abaixo um exemplo singelo que muito me ensinou.

Numa das oficinas, já terceira etapa de trabalho com uma mesma turma, um grupo de cerca de dez professores, logo de início, manifestou seu desejo de que a temática prevista fosse modificada para incluir a focalização de uma questão que os estava preocupando. A interrogação deles, bem coloquial, era mais ou menos assim: "o que é que a gente faz com alunos (9 a 11 anos) que perguntam sobre coisas que acontecem nos programas de baixarias que assistem em casa, e querem saber o que a gente acha?". Não esqueci mais dessa passagem, porque foi então que me dei conta do pouco ou nada de atenção que eu dedicara, até aí, a tais programas. Aceitei a sugestão, gravei trechos de um daqueles programas que quase todo dia gerava as perguntas dos alunos: era o *Ratinho Livre*, e o apresentador estava então na Rede Record.

Em casa, sozinha, vivenciei o mal-estar de concentrar a atenção e organizar idéias sobre tanta exploração do ridículo, tanto desrespeito e apelação – em geral bem grosseira, baixaria mesmo. Com a turma, na sessão seguinte, verifiquei como tinha valido a pena: transformamos, juntos, impressões, juízos superficiais e rótulos (não isentos de preconceitos) numa análise razoavelmente serena e objetiva.

Todos nós aprendemos muito nesse lance. Para iniciar, assistimos aos vídeos e cada um procurou identificar as emoções experimentadas: nojo, raiva, indignação, pena... Socializadas as reações emocionais, pudemos tomar distância da gravação e tornar a assisti-la, mais objetivamente. Buscamos os conteúdos do programa: as diferentes situações apresentadas (cômicas, dramáticas, tragicômicas). As pessoas/personagens, manipuladas pelo apresentador, acoçadas pelo auditório, vivendo seus conflitos para as câmeras, chorando, batendo-se, trocando ofensas ou fazendo as pazes. O apresentador alternando provocações quase chulas e falas moralistas, fingindo-se escandalizado com o que via e ouvia. Num certo momento, uma das professoras comentou que nunca pensara que um programa como aquele "tivesse conteúdo". Ela capturara uma acepção mais abrangente e significativa desse importante conceito.

Atentamos, depois, para características de forma do programa. Sua estrutura em diferentes quadros. A figura do apresentador, seu carisma, suas roupas, seu modo de falar e de dar pancadas numa mesa com um grosso cassetete para reforçar suas opiniões, sempre enfáticas. Numa delas, alardeava aos gritos seu repúdio "a todos os políticos, são todos corruptos, ou tubarões que nunca passaram fome". O palco e a equipe de palco, o auditório pequeno e lotado, a iluminação, a sonoplastia e a trilha musical, criando climas associados às situações apresentadas. A incitação da equipe à platéia, pedindo aplausos, vaias, respostas tipo sim ou não, culpado ou inocente. Pequena movimentação de câmeras, tomadas longas, ritmo de cortes menos rápido que o usual.

O que teriam sido os resultados daquela sessão? Acho que as professoras, mais do que de outras vezes, perceberam o imenso avanço de compreensão alcançado por meio do encadeamento das atividades propostas: assistir/falar das reações imediatas ao assistido/reassistir direcionando a atenção para diferentes variáveis/discutir concordâncias e discordâncias das observações/propor conclusões e avaliações. Creio que, mesmo em circunstâncias caseiras, totalmente diferentes das oferecidas pelo curso, aqueles professores dificilmente poderão assistir a um programa de TV como o *Ratinho Livre* sem, pelo menos, um direcionamento um pouco mais qualificado da atenção usual e sem algumas pitadas de reflexão, ainda que assistemática. A idéia é que, com alguma continuidade de práticas e exercícios de leitura de programas, passamos a transferir, com espontaneidade crescente, nossa atenção direcionada da sala de aula para as demais situações com os quais deparamos diante da telinha. Com certeza, não é pouca coisa!

Quanto às indagações e às pressões de alunos, querendo manifestações do professor sobre programas assistidos, cujos heróis e vilões, algozes e vítimas provocam discussões acaloradas, já será uma novidade positiva que o professor conheça os programas que estão alimentando seus alunos. Que os tenha assistido, com atenção, algumas vezes. Assim, poderá conversar com os alunos sobre eles, poderá identificar a leitura que fazem deles e seus principais equívocos. A ferramenta principal não será corrigir, desmentir, discordar. A ferramenta básica é perguntar: conversar perguntando, perguntar conversando. Ouvir as respostas, valorizá-las... e perguntar sobre elas. Se for oportuno, o professor pode programar numa das aulas a exibição de um fragmento do programa para um trabalho análogo ao que realizamos no curso-oficina – naturalmente simplificado e adaptado à faixa etária e a outras circunstâncias.

Duas ou três professoras, no episódio relatado anteriormente procuraram-me especialmente preocupadas porque, diziam, os alunos brigavam e dividiam-se sobre quem deveria ser considerado culpado ou inocente, quem teria agido certo ou errado nos vários quadros do programa. Mas para todos eles, sem exceção, o bom do programa era mesmo o Ratinho, porque ele sempre fazia justiça – e ajudava os que precisavam. Sugeri que assistissem ao programa e anotassem duas ou três atuações do justiceiro para poderem discutir entre si e compreender melhor que tipos de comportamento e que discurso eram interpretados como justos pelos meninos. Uma delas deu-me um retorno sumário, meses depois: na sua escola, a diretora participara das discussões, entusiasmara-se e decidira organizar um evento, num sábado, com encenação de duas ou três pequenas dramatizações sobre situações de justiça/injustiça. Ao final, quatro alunos, quatro professores e quatro pais (ou mães) tinham de dar seu parecer sobre os casos apresentados. Tinham de explicar suas razões, com argumentos. Diz a professora que os alunos amaram, que repetiriam o tipo de evento duas vezes por ano e que no consenso dos professores a atividade fora das mais produtivamente educativas. Fiquei bem feliz. Quem diria, Ratinho?

Livros que podem ajudar muito

Gosto muito dos trabalhos do professor Joan Ferrés, que já citei antes, e recomendo sempre. Há três livros dele no Brasil, traduzidos e publicados pela Editora Artes Médicas, de Porto Alegre. *Vídeo e educação*, de 1996, trata da utilização do audiovisual na escola por meio de vídeos. Discute os diferentes papéis que o vídeo pode desempenhar nos processos escolares de ensino-aprendizagem e oferece orientação para o preparo do professor que deseja trabalhar com eles. Sugere roteiros metodológicos para a leitura crítica dos principais gêneros de programas. Reserva vários capítulos para o processo de realização de programas didáticos, destacando a reportagem, a entrevista e a mesa-redonda. Finaliza com pautas de avaliação para diferentes tipos de programas e com a questão da obtenção de programas e formação de videotecas.

Em 1998, foi publicado *Televisão subliminar – socializando através de comunicações despercebidas*. Obra substancial sobre o assunto, que é abordado com sólida fundamentação na psicologia e nas ciências da comunicação, estuda especialmente as mágicas da TV no campo da sedução, com destaque para os fenômenos que povoam o campo da publicidade.

Deixei por último *Televisão e educação*, editado também em 1996, que gostaria de recomendar de modo especial. A primeira parte do livro, Chaves para compreender o meio, focaliza a TV como extensão da pessoa, como agente de consumo, como gratificação sensorial, mental e psíquica, como vitória do mito da objetividade e como meio de socialização. Na segunda parte, Ferrés oferece Critérios para educar no meio, mais dois capítulos sobre educar na escola e educar no lar. Na última parte estão as propostas metodológicas para a análise de programas, que oferece sugestões em dois níveis – o inferior, para iniciantes, e o superior, para estágios mais avançados. As propostas contemplam a análise crítica da publicidade, da ficção – séries e filmes –, e dos noticiários.

Por uma nova síntese dos modos de compreender

Os novos modos de compreender é o nome de um livrinho de Pierre Babin, publicado em 1985 pelas Edições Paulinas, esgotado há alguns anos, sem prognóstico de reedição. É pena, pois o trabalho focaliza com clareza e carinho uma questão que já se colocava há quase 30 anos, mas hoje ainda, a meu ver, não se desatualizou. Diz respeito ao modo de compreender introduzido pela televisão e pelo computador, que vem caracterizando as

gerações mais novas que, desde o berço – literalmente – respiram e se alimentam com imagens e sons em movimento e em sucessão e cruzamentos de velocidade crescente.

A linguagem da TV e a Internet têm produzido em seus públicos uma estimulação sensorial hipertrofiada, que oferece aos sujeitos uma visão fragmentada da realidade. Como consequência, já tomou forma e presença um tipo de conhecimento dispersivo, compartimentado, descontextualizado, sem normas de referência de validade universal, sem hierarquia e sem estruturas definidas. Esse perfil opõe-se ao da cultura tradicional, organizada, estruturada, coerente, sempre exigindo e cobrando contextualização – ainda que limitada em conhecimentos e mais ainda em informação. Os dois são encontrados – e se desencontram – na escola.

Ora, a escola nasceu e desenvolveu-se sob o signo da linguagem verbal e da cultura letrada, tendo ao centro o livro, e não ocorreu ainda nenhuma ruptura profunda e duradoura que transformasse significativamente esse perfil. Estamos, pois, diante de um convívio (ou seria melhor dizer confronto?), difícil e pouco produtivo, entre diferentes modos de compreender, entre visões de mundo e culturas que não se articulam.

Atrevo-me a dizer que é óbvia a permanência dessas duas esferas, pois a mais antiga é alicerce da contemporânea. Mas igualmente óbvia é a necessidade de construir, em termos de escola, uma nova síntese que articule o universo das linguagens verbais, predominantemente simbólicas, com o universo da expressão e da comunicação por meio da linguagem eletrônica, que integra e movimenta imagens, palavras e todos os sons que possamos imaginar. A cultura letrada e a cultura da Internet e da TV, com toda sua fragmentação, podem ser articuladas – e hão de articular-se, se decidirmos pôr mãos à obra.

Mas a ampliação e o enriquecimento da visão dos professores, criando no dia-a-dia anônimo novas tessituras, novos fios, novos padrões é o único caminho viável para que emergja, de uma nova escola, uma nova educação, aberta a todas as linguagens e competente no contexto das diferentes culturas.

É nessa perspectiva ousada, mas não utópica, que cabe colocar nossos esforços de tornar a TV um objeto de estudo na escola, e, para tanto, formar professores para um mundo que só poderemos compreender se compreendermos as mídias, em todos os seus aspectos e dimensões.

NOTAS

¹ Sylvia Magaldi é licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP), pós-graduada em Educação, também pela USP. Coordenou e planejou, de 1977 a 1985, os primeiros telecursos da Fundação Roberto Marinho. Nos anos 1980, dirigiu a área de Educação da Fundação Roquette Pinto, na TVE do Rio de Janeiro. Atualmente, é professora de História da Educação e de Audiovisuais no Ensino Fundamental, na Faculdade Integração Zona Oeste (Fizo), Osasco, São Paulo.

² FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão e educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

